

HONRA



À

FLORIANO PEIXOTO

A MARINHA REPUBLICANA



PELO

Dr. Costa Ferraz

Hodie et semper



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1894

2461-94

A 359.00981
de 837
H. alk

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob número.....
do sac de.....

A REVOLTA DE SETEMBRO



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO



Discurso pronunciado no dia 23 de novembro de 1893

Sr. Marshal!

A data memoravel de 23 de novembro se apresentará sempre a esta nação como um testemunho eloquente da resurreição das energias moraes de um povo, que só tem sabido, em todos os momentos de sua existencia, ser grande no martyrio pelo sacrificio !

Hoje, como hontem, elle vem com a mesma sinceridade e com a mesma fé que o patriotismo inspira, nesta hora solemne da vida patria, proclamar bem alto o vosso nome como uma legenda, e graval-o com letras douradas pela admiração, nas paginas immorredouras da historia, para que as gerações futuras o pronunciem como symbolizando a coragem, o civismo, a indomavel energia, aureoladas pela mais immaculada probidade.

Não se dira nunca, que o estrondar dos canhões, que foram comprados com o dinheiro que representa o suor do povo, vertido no trabalho nacional, hoje transformados em espectros da morte, nem o estardalhaço das bombas e das metralhas abafaram o echoar desse hymno sacrosanto, que redobra de vibrações nas

IV

fibras] do coração do patriota, que vê em Floriano Peixoto a garantia da ordem, o restabelecimento do imperio da lei, o amordaçamento da fraude, que, como esfaimado vampiro, sugou as economias do povo, a reabilitação moral do brasileiro, a barreira inexpugnável contra os desmandos e tentações dos que, nos seus esconderijos, decretam a morte da patria, e entre si partilham os seus despojos !

Jámais, nem nunca, as machinações do inferno venceram a causa] santa da liberdade, que com o sangue do seu primeiro martyr escreveu a maior das epopéas do poder da consciencia humana !

Alli naquellas barcaças de ferro, novas jaulas da tyrannia dos ambiciosos, o aspecto sinistro da monstruosidade humana, a postergação de todos os deveres, a decretação fatal da asphyxia e do aniquilamento da vitalidade de um povo, o esartejamento da victima incauta e inerme, sem distincção de sexo, idade e nacionalidade, o esbofeteamento da civilisação de um povo no desmoronamento do que a tradição e a piedade levantaram nesta cidade como testemunho de sua fé !

Alli a farda ennobrecida pelos louros enverdecidos pelo fumo das batalhas navaes da marinha brasileira contra o tyranno do Paraguay, reduzida a libré dos scelerados e relapsos !

Aqui a consciencia do dever, a caridade, a garantia do presente e a esperança do futuro, o desprendimento de todas as grandezas, o sacrificio em vez da vida !

Estamos prompts para o sacrificio, hoje, amanhã e sempre. Abaixo a tyrannia, virá a liberdade : viva o marechal Floriano e a nação brasileira.



A NEUTRALIDADE

I

Queremos crer, que a supposta neutralidade do « muito alto e poderoso » Sr. contra-almirante Saldanha da Gama ficaria nos limites da vulgaridade, si nestes ultimos dias não estivesse despertando a actividade cerebral dos que defendem um procedimento, que a minha consciencia qualifica, mas que o patriotismo dos que sabem soffrer por amor da ordem manda calar.

Não parece, porém, justo nem decente, que se queira dar ao procedimento do Sr. contra-almirante as honras de successo, porque lá se foram os tempos em que se comiam camarões com barbas e se amarravam cachorros com linguaça.

Sem, portanto, incorrer em censura, porque não se trata das habilitações technicas, nem dos meritos intellectuaes do Sr. contra-almirante como cidadão, julgamo-nos com o direito de avaliar do procedimento daquelles que são remunerados para estarem promptos para o serviço da Patria, quando ella ou as suas instituições periguem.

Si fossemos, como muita gente que por ali anda engrossando, e perversamente incutindo no animo dos inconscientes, estarem apenas envolvidos nesta desgraçada revolta os interesses das duas classes militares, é bem possivel que fossemos indifferentes ás desgraças da Patria e que a comedia dos neutros e de seus defensores, uns visiveis e outros invisiveis, tivesse oportunidade.

Não ha, portanto, espectadores, porque muftos azularam com medo dos « cadetes de aço », guarda avançada dos desconhecidos principios que o Sr. Custodio e a sua bagagem querem « reivindicar », e os que nesta cidade e na glória Nitheroy lhe fazem frente como heroicos espartanos, não consta que tivessem passado procuração ao Sr. Custodio para felicital-os, e antes o consideram como o seu mais fatal e deshumano algoz, e como o ambicioso perturbador da felicidade da Patria.

Guardemos, portanto, para melhores dias, quando, em vez de chorar se possa rir, os applausos, a charanga e as manifestações, e vejamos si perante a consciencia se pôde ser indifferente e muito menos supportar o facto virgem na historia dos povos cultos, o que estamos presenciando ; vendo um militar, que é apregoadado de correctissimo em seu procedimento, e que se colloca entre a Nação e uma revolta sem objectivo, sem orientação, persuadir-se que o governo de uma nação seja um « fogo, viste, linguça ! », porque assim o querem meia duzia, e quem não disser *amen*, seja neutro ou leve bala a tres de fundo !

Ora, louvado seja Deus !

Nem no Sr. contra-almirante pôde ser desculpado, o que poderia ser em um moço, porque, além de tudo, é o Sr. contra-almirante um official viajado, tendo tido o contacto dos velhos marinheiros servidores das nações cultas, e lá duvidamos que se consentisse na exemplificação do novo codigo de principios de neutralidade, que provavelmente o excelso contra-almirante dedica aos imberbes, que se iniciam na vida gloriosa do marinheiro brasileiro, e que com tanta segurança destina para serem o futuro da Patria !

Enumeremos os factos, que accentuam a neutralidade do Sr. contra-almirante, e vejamos si elles não são os mais offensivos dos credits e do renome de uma corporação, que com os feitos mais gloriosos na grande luta contra o tyranno do Paraguay, impoz-se á admiração e ao respeito de todo o mundo, e á gratidão da nação inteira !

Marinheiros que exhalaram o derradeiro suspiro levando intacto o amor da Patria e da mais severa disciplina, para só assim escreverem seus nomes no pantheon da gloria !

No primeiro dia em que foi covardemente ameaçada e mesmo dado começo de execução ao bombardeio desta cidade, o Sr. contra-almirante, que nada tinha com o Arsenal de Marinha, também pela primeira e única vez saltou no arsenal, para mandar em altos gritos fechar o portão do mesmo, e as portas da secretaria, estando em seus postos o ministro e o inspector do arsenal, fazendo deste modo reflectir naquelle estabelecimento do Estado o enthusiasmo dos revoltosos!

Será neutralidade, estar servindo-se das barcas do Estado para fornecer da ilha das Cobras agua aos que victimam a Patria, obrigando o governo legal, com o suor deste povo, tão tributado, a sustentar a mais de 400 homens entre revoltosos e os que não lhe prestam a menor obediencia, a manter o pesado custeio de um hospital só para o serviço dos revoltosos, levando até a affronta a exigir que se contractasse um dentista, quando nas circumstancias normaes e com applauso de toda a corporação, porespaço de perto de dez annos, este serviço foi feito sem custar um vintem ao Estado? Transformando a ilha das Cobras em esconderijo dos revoltosos? Artilhando com metralhadoras e canhões de grosso calibre o territorio do Estado e nelle mantendo quatro depositos de polvora e mais munições? Não consentindo, finalmente, que Araujo Pinheiro, capitão de engenheiros navaes, commissarios Capistrano de Moura, capitão-tenente do Batalhão Naval Joaquim Franco, os 1^{os} tenentes Gentil Paiva de Meira, Sylvio, Barros Cobra e o 2^o tenente Witt venham prestar ao governo legal a obediencia, que devem e desejam, prohibindo até que Meira receba de um seu parente a resposta de uma carta sobre a gravidade de sua mulher?

Será tudo isso porque o Sr. contra-almirante receia ser atacado pelos revoltosos, ou porque o excelso marinheiro está despeitado do seu companheiro se ter adiantado em hastear o pennacho?

O Sr. contra-almirante ainda sonegou do Estado o territorio da ilha, levantando nella umas bandeiras da Cruz Vermelha, para dar o mais publico testemunho de que trocara o seu contra-almirantado da Nação Brasileira, e com armas e bagagens declarou-se contra-almirante da Cruz Vermelha.

Para que as festas se tornem completas, não devem faltar as kermesses, os discursos dos Apollos de gesso, nem as musicas de pancadaia.

Considere-se o Sr. contra-almirante fidalgo de alta linhagem, filho do sol ou neto da lua, pouco importa, o que não tem, porém, o direito é de estar zombando, e os seus defensores, da credulidade deste povo, que pela primeira vez se lhe está ensinando a defender o que é serio, o que é legal, a sua vida, a honra e a dignidade da Patria.

II

Permittir-nos-ha, Sr. redactor, que ainda nos occupemos com a neutralidade do Sr. contra-almirante, não só por ser ella um phenomenal aborto desta revolta, na qual seus principaes actores, que tanto falam em « reivindicar principios », mais cuidam em encher a barriga á custa do que é do proximo, como por ter deixado cahir a mascara, e estar-se mostrando armada até os dentes, como uma affronta á civilisação de um povo !

Emquanto parecia conservar-se a decantada neutralidade nos dominios do platonismo, era mais regular, que á especialidade scientifica, que se dedica em classificar as multiplas modalidades morbidas da mentalidade humana, coubesse qualifica-la ; hoje, porém, ante as suas estrondosas manifestações, e os argumentos de canhão e bala com que pretende convencer a esta cidade inerme, e a parte conservadora da Nação, punindo-a pela hombridade com que se tem sabido manter na sustentação da ordem, sem a qual nunca mais haverá socego, nem engrandecimento possivel, nos convence que a celebrada neutralidade já entrou nos dominios da vulgaridade, e não precisa especialista para diagnosticar-a.

O tempo e os factos se encarregarão de patentear os seus mysterios, e hoje a neutralidade do Sr. contra-almirante se nos afigura o habito do frade em que se enfiou Mephistopheles para poder transitar sem ser conhecido pelas multidões, e assim espreitar e conhecer os desejos de Fausto.

Si, portanto, o Sr. contra-almirante até agora não podia, sem provas cabaes e plenas, ser qualificado como um agente dos revoltosos, cortando, como é publico e notorio, todas as communições com o governo legal da Nação, e com a autoridade suprema da corporação da armada, já não pôde impingir como uma droga inoffensiva a sua apregoada neutralidade, e antes a transforma em um agente perigosissimo e destruidor da disciplina militar, do sentimento patriotico, da lealdade e da nobreza, que um correcto educador da mocidade, que a destina a ser o « futuro da Patria » devia caprichar em aperfeiçoar e desenvolver no coração da mocidade inexperiente, mas nunca exemplificada como uma verdadeira e ridicula monstruosidade !!

Si na velha Inglaterra o proprio Nelson, que gravou-lhe o nome de rainha dos mares, ousasse, já não dizemos exemplificar, mas prégar a legitimidade da neutralidade mephistophelica do Sr. contra-almirante, ante as desgraças da Patria, em vez das honras da immortalidade que lhe consagra o povo inglez, na torre de Londres lhe seria destinado logar seguro para nella melhor commentar o seu novo codigo, e toda a marinha da poderosa nação viria, nos cestos das gaveas dos seus baluartes navaes, saudar com *hipps e hurrhas*, o poder effectivo e real da igualdade da lei !

Fornecendo, como forneceu, aos revoltosos a cabrea volante, que pertence ao Arsenal de Marinha, para com ella suspender-se a terrivel lancha *Lucy*, que, quando commandada pelo alugado austriaco Ricardo, se constituiu um dos mais mortiferos instrumentos da pirataria, emquanto não foi mettida a pique; transportando agora para outro estabelecimento os feridos dos revoltosos, hyenas sedentas do sangue de seus irmãos, e o que pertence ao hospital da ilha das Cobras, com desprezo das autoridades constituidas, fazendo chegar á falla, por sua ordem, as embarcações que transitam nesta bahia, constituiu-se tambem nella, não um elemento de ordem, a representação digna, elevada e correctea de uma alta patente de uma corporação de tradições gloriosas nesta Nação, porém mais um espectro sinistro e uma ameaça intoleravel á vida, ao socego e ao trabalho de seus concidadãos, que almejam anciosos pelos dias calmos e felizes de sua Patria,

e desejam vel-a não ludibriada pelos estrangeiros, mas com a supremacia e grandeza a que tem direito.

Ao Sr. contra-almirante, pois, levantando trincheiras na ilha das Cobras, para melhor defender os grossos canhões transportados da Armação, pela «mensageira da morte» da heroica Nitheroy, comprando capotes e bonets para a sua marujada, até agora cevada com o suor do trabalho de seus irmãos, não se pôde negar ter-lhe cabido nesta revolta, urdida no 2º andar de um prédio desta capital e acabada em um esconderijo de uma casa de dar fortuna, o papel do ultimo dos conjurados.

Si a nós homens do povo não pôde ser desculpada a perfidia, a traição nem a insidia, muito menos aos nobres de stirpe antiga, porque naquelles se denunciava logo a sua lealdade por saberem se apresentar nos combates de viseira erguida.

A cruz vermelha pintada nos pannos que o vento agita na ilha das Cobras, territorio da Nação, em vez de symbolisar a grandeza e a immensidade da resiguação do Redemptor da humanidade, não é mais do que um escarneo, uma demonstração do amplexo fraternal da neutralidade com os revoltosos, e a côr vermelha da pintura, a côr do sangue dos innocentes e martyres, que se pretende mais victimar nesta cidade!!

Que importa que assim seja?

Serão mais imprecações e supplicas, que subirão bem alto para pedirem e obterem para os conjurados a maldição, e as attribuições das suas consciencias.

Malditos sejam.

III

Nunca foi de mais, Sr. redactor, profligar abusos que assumiram as proporções de verdadeiros crimes, e que seus autores, não contentes de terem gosado até hoje da impunidade, ainda affrontam a opinião com as longaminhas de seus thuriferarios.

Si nem ao simples cidadão é licito hoje ser indifferente, neste periodo de desgraças por que está passando a Patria, só se tendo a sensibilidade embotada, se poderá deixar passar sem reparo a

comedia, que tem sido representada pelo Sr. contra-almirante, que, para mystificar a sua co-participação com esta repugnante revolta, inventou uma neutralidade, para com esse salvo-conducto dar execução aos seus audaciosos planos!

A considerar-se, já não dizemos toleravel, mas merecedora de applausos, a posição em que encastellou-se o Sr. contra-almirante, as forças armadas da Nação, que servem de garantia á realisação pratica da força do direito, nada mais ficariam representando no scenario da Patria sinão meras decorações agaloadas, um objecto de luxo desnecessario, e até perigoso nos momentos criticos da vida da população civil, que trabalha para mantel-as e dar-lhes mesmo um certo conforto, em retribuição dos dias de calma, de socego e de paz que lhes asseguram!

Si as forças armadas, portanto, se impõem á gratidão e ao respeito de seus concidadãos, é porque se constituem a depositaria da manutenção da ordem, da garantia, da execução, do direito e da lei, o mais solido pedestal das liberdades publicas, e só com o fiel cumprimento dos deveres impostos pela disciplina consegue esse *desideratum*, que, como um magico poder, transforma um pequeno punhado de homens em inexpugnavel baluarte, que prepara os hymnos da victoria, e com os immensos clarões da liberdade illumina a escuridão do tumulto dos que cahem na arena, extenuados da lucta!

Quando, porém, o Sr. contra-almirante mostrou a correcção de seu procedimento no goso manso e tranquillo de uma alta patente da corporação da armada, e no exercicio de uma commissão, de não somenos importancia, que lhe fôra confiada pelo governo legal da Nação?

Militar, transformou a espada de contra-almirante em morrão acceso para clarear os esconderijos de revoltosos, que dilaceram o coração da Patria!

Director da mocidade, lançou-lhe no coração inexperiente o germen satanico da rebellião contra o poder constituido da Nação, atirou-a no charco immundo onde se revolvem os miseraveis, aconselhando até aos que queriam vir engrossar a phalange dos moços que deviam ser o futuro da Patria, por outro caminho, que não o que lhes ensina o Sr. contra-almirante, a não o faze-

rem emquanto não passasse o reinado do que chamou « democracia de borra », e para que mais cedo chegue o dia do reinado da sua nobreza, mandou os seus apaniguados chamar de heróes os galés, que soltou das prisões da ilha das Cobras, para com os de igual jaez de Willegaignon a guarnecerem, e metralharem a este povo, que considera indigno por sustentar o governo legal !

Menores, sem maldade e sem imputabilidade, entregues por seus paes, parentes e tutores ao governo legal, para um dia serem galardoados com a nobre posição de servidores disciplinados, e confiados aos cuidados do Sr. contra-almirante, sonogados hontem, como hoje, á vigilancia do governo e aos conselhos da autoridade paterna, respirando o ar mephytico da revolta, comparsas inconscientes da comedia baixa da neutralidade, emparelhados com os galés, com os chamados « heróes », guarda avançada dos que almejam a restauração do regimen da fraude, e a reposição do charco immundo, que se chamou « encilhamento ! »

Si a tudo isto se pôde qualificar de procedimento correcto, de patriotismo, e mesmo até de nobreza de sentimento vulgar, que se traduz na burlesca expressão de « neutralidade », então melhor é repetir-se com o immortal poeta, que faz a gloria da gente lusa :

Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio.
Ver os effeitos do cio.
Cantar modas um macaco,
O sol tremendo de frio.

O MANIFESTO DA ILHA DAS COBRAS

IV

Descobriu-se, finalmente, o gato ! temos, portanto, novos mouros na costa.

Pelo avesso, já que não tem direito, fez-se a luz do conluio de todo esse rôlo que nos tem atormentado physica e moralmente neste resto de anno.

Apareceu, afinal, a idéa mãe da revolta, que, qual outro gigante Famacião, quer tragar o João Ratão do militarismo ! E' o caso do livra, que sinão vem obra !

Tiro rapido, granada, para variar, metralhas, com especialidade á noite, quando este povo que é qualificado de indigno, por sustentar o governo legal, quer dormir para no dia seguinte ter forças para ganhar os meios de subsistencia, que cada vez mais augmenta de preço, e o que se ganha mal chega para o necessario da vida.

Este, sim, é que se pôde chamar um verdadeiro e doloroso momento historico da vida de um povo, que vê meia duzia de tartufos esvasiar-lhe as algibeiras, perturbar-lhe a existencia nas repetidas ameaças de bombardearem uma cidade inermem, com o fim de sujeitarem-n'a ao dominio do producto hybridado da « contubernia » do estafado sebastianismo com o militarismo republicano !

O Sr. contra-almirante da ilha das Cobras, pela sua prolongada estada nessa ilha, que recorda os reptis, animaes frios e que só se arrastam, tornou-se tambem lerdo, e talvez por isso agora sentisse « o terrivel perigo em que lançaram a Patria na anarchia, no descredito, na asphyxia de todas as liberdades », e isso depois de tres mezes de ter vivido naquella ilha vida folgada e regalada, á custa do suor do povo, com os seus imberbes « esperanças da Patria », occupando o tempo nas manipulações do pastelão da neutralidade com que enganou o Governo.

Com franqueza, com lealdade, fallando mesmo com imparcialidade, a simulação do Sr. contra-almirante já era mesmo um escandalo, impossivel de já ser mantida, apezar dos prégões dos tolos e grulhas, ou tinha de tentar a cartada de fazer-se heróe á força, ou então sumir-se como o ultimo dos villões.

Faltava nesta tragi-comedia, que só tem exasperado o povo pela covardia de seus algozes, mais um actor, eil-o que chega, fazendo saltar da bainha da espada de contra-almirante o papão sebastianista, como o « João Paulino » salta da caixa da dos brinquedos das crianças.

A restauração, convença-se o Sr. contra-almirante, já não é uma panacéa com que se possa fazer réclame, desmanchou-lhe os apregoados efeitos o príncipe patusco, que aqui tivemos, quando escreveu no livro dos visitantes do seu avô, os títulos da nobreza que o lacaia — Marquez de Rhinoceronte», o « Conde de Pachiderme » e a « Marquiza de Bruzundanga ».

Outro qualquer ratazana que não tivesse servido, e ainda ha pouco, ao novo regimen, que adoptou a Nação, podia hoje aconselhar a revolta contra o governo legal, mas o Sr. contra-almirante, não, si a logica e justiça dos factos não falta, porque até 6 de setembro foi um dos agentes desse militarismo, que hoje abomina, e até o vimos correcto sulcando com a sua lancha as aguas desta bahia, theatro hoje das depredações de seus irmãos de revolta, com a espada, que hoje diz ter na mão, investindo contra o *Riachuelo*, navio-chefe da revolta do 23 de novembro, que decepou a cabeça da hydra esfaimada da fraude, e da mais immoral jogatina, poder da substituição da nobreza de trapos pela nobreza do dinheiro roubado ?

O Sr. contra-almirante, atirando aos quatro ventos a verdadeira idéa mãe da patuscada, que ha tres mezes cobre de vergonha o patriotismo do brasileiro e enluta-lhe o coração, conseguiu, verdade seja, arrancar o pennacho do chefe, que bateu a linda plumagem por entre o fogo das fortalezas, conseguiu, que os meninos já o chamem de covarde e de poltrão ; só falta agora que o resto da «troupe» exploradora o saude, cantando :

O barco dos traficantes
Içou novo pavilhão.
A gente do olho vivo
Faz a sua guarnição.
Cutelos e varredores
Estão promptos para a acção,
D. Felipe de Saldanha
Deitou sua fallação.



Chegámos ao suspirado momento de tornar-se pratico o conhecido rifão de — quem não é por nós é contra nós !

Governo e governados precisam comprehender que a gloria da Republica se traduz pela elevação moral do character nacional, donde dimanam o civismo, o patriotismo, a permanencia e a felicidade da Patria !

A roupagem de princez carnavalesco, com que se apresenta hoje a desmoralizada revolta, sob a direcção do visivel contra-almirante da ilha das Cobras, estava annunciada pelos prophetas da revoltã, e até pelos povos vinhateiros !

Não exprime ella a manifestação elevada e nobre do sentimento nacional, não assenta em principios, que convençam a razão esclarecida ; lobrica apenas a celebridade na exploração torpe de planos de restauração, que só a indignidade de seus autores podia aventurar.

Será bom que os alicantineiros não façam tanto de juguete este povo, que pela primeira vez se lhe está ensinando a sustentar alguma cousa, que por sua honra cumpre defender, para com segurança poder deixar a seus filhos, ao menos, uma patria moralisada e digna.

Não se lembraram os pretensos defensores do direito do povo, e só hoje inimigos do militarismo, que qualificam de abominavel, de conspirações nem de revoltas, quando em vez do governo da Republica, installou-se na praça publica o imperio da jogatina, quando se affrontava a pobreza honrada, o sentimento de probidade do trabalhador nacional, com a exposição das berlindas, dos landaus, dos orloffs, dos anglo-normandos, e os garotos, reluzentes de pedrarias, offertavam palacetes, transformando-se a Republica em messalina, para cevarem o seu sensualismo.

Não se lembraram da monarchia esses typões, quando, aproveitando gallardos ventos nos mares da ladroeira, forjaram bancos, tripeças, empresas visiveis e invisiveis, onde gordas férias fizeram e deixaram a ver navios os incautos e os papalvos !

O governo que sellou para sempre o processo das fraudes, e como um rochedo conservou-se inexpugnável aos assaltantes, não podia deixar de ser condemnado ao fogo pelo santo officio dos magnatas da regeneração, que, á pólvora e bala, querem injectar no organismo deste povo o microbio da restauração monarchica, já attenuado, por ter passado pelo organismo dos « imberbes », esperanças futuras da Patria.

O Sr. contra-almirante, dominador, pela perfidia com que se houve para com o governo legal, da ilha das Cobras e suas adjacencias, não foi feliz entrando na revolta pela porta que abriu com a chave falsa da restauração, nem appellou com sinceridade para a dignidade da Nação ; porque, si esta fosse medida pela sua, só encontraria miseraveis, e estes apodrecem antes de morrer.

Somos, Sr. contra-almirante, dos que acreditam que o Brazil, para ter grande futuro, precisa, não de revoluções nem de revoltas, mas de um governo serio, energico e moralizado, que não se acovarde ante as difficuldades creadas pelos ambiciosos no presente. Não acreditamos no vosso conselho, porque é elle moeda falsa fabricada pela traição e se assemelha ao elixir que o Dulcamara vendia como remedio infallivel.

A nossa monarchia cahiu, lançada na ignominia pelos capatazes que a serviam, anemica e até desprezada pelos parasitas que a sugavam ; adheriam uns por amor á arte, outros venderam-se até por muito baixo preço.

Mentirosos hoje, os vossos protestos de hontem ; a vossa espada de contra-almirante, que dizeis tel-a na mão, representa apenas o preço do vosso aluguel, é fraco ponto de apoio que offereceis ás convicções.

Mais do que as espadas são os corações dos patriotas que formam o baluarte das instituições e se transformam em santuarios das verdadeiras convicções. Estes não se abatem, nem se allucinam com os prégões dos ambiciosos e dos vaidosos ; só teem os olhos fitos no azul celeste da Patria, onde refulgente brilha o cruzeiro de luz, que os avigora no soffrimento, que lhes está impondo os allucinados perturbadores da sua tranquillidade e do seu trabalho.

Outro officio, Sr. contra-almirante, e, si ha outro actor, que saia, para tornar mais burlesca esta tragi-comedia monarchica com que se pretende salvar as liberdades publicas e immortalisar « os seus nobres herões de raça ».

VI

Estava reservado nesta aventureosa revolta para o nobre fidalgo de avoenga linhagem, o ingrato, mas bem cabido papel, de um verdadeiro *bilontra*.

Vimol-o no principio da lueta, quando encapado na neutralidade, terno, mellifluo, apascentador dos imberbes, de quem proclamou-se innocente preceptor, sagaz, perfido e traidor para com o governo legal e, finalmente, barbaro, feroz e cruel para com este povo, que não admitte que tenha aspirações e a quem quer impôr uma instituição de que foi serventuário, mas não teve a dignidade de em tempo sabel-a defender.

Caracterisam-se, porém, os instinctos e os planos, forjados ao longe, de sonhada restauração, acoutando-se na ilha das Cobras com meninos, *frescas esperanças da Patria*, mantendo-se em criminosa *contubernia* com os primeiros revoltosos, parecendo até ter transformado a ilha dos reptis em seu paraizo terreal, vivido tres mezes, qual outra Calypso (salvo a differença do sexo), cercado dos innocentes, como aquella, com as nymphas que a serviam, e só gosava de seus deliciosos cantos, para no fim da historia apparecer, não na altura de um militar correcto e digno, ennobrecido com a farda que sempre symbolisou a gloria, o patriotismo e a grandeza moral do brasileiro servidor da Patria, mas como o garoto, pretendendo fazer da restauração um verdadeiro conto do vigario!

Quando foi que o agalado fidalgo foi sincero, correcto e patriota e na altura da posição que lhe foi confiada?

Seria, porventura, quando convidou por circular os briosos militares de terra para a conspiração contra a dictadura, ou quando se pôz ao seu serviço, e para firmal-a queria até um

batalhão, para com elle, sulcando em sua lancha as aguas da nossa bahia, apoderar-se do *Riachuelo*, navio-chefe da jornada de 23 de novembro ?

Quando foi que o empavezado fidalgo exhibiu a sua dignidade ? Quando em documento publico garantiu ao chefe da Nação estar fazendo meritorio serviço, guardando os futuros representantes da gloriosa marinha brasileira, para evital-a do contacto pernicioso da revolta, ou quando tornou-se co-réo consciente dos mais revoltantes crimes, que estão envergonhando e ludibriando a Nação perante o mundo civilizado ?

Mais do que a restauração valeram-lhe os bordados de contra-almirante, e talvez, por isso, agora acredite estar praticando uma heroicidade metralhando este pobre povo todos os dias, que pelo estellionato de 6 de setembro viu-se privado dos meios de defesa maritima, que com tanto sacrificio tem mantido, para servir-se em qualquer emergencia contra os extranhos inimigos da Patria.

Nem hoje, nem amanhã confiamos que a historia, que é o melhor cadinho purificador da verdade, applaudirá e muito menos desculpará a brutalidade dos meios empregados, e a affronta que se está fazendo á dignidade nacional, tudo isso para a restauração de uma escola que transformou o cidadão, deformando-o em vassallo do egoismo e do interesse !

Em vez da mentira e do embuste, ha de sahir triumphante a verdade, e a espartana heroicidade com que se está ensinando a defender a honra, a probidade e a sagrada liberdade.

Ella dirá que já se foram os tempos dos pulhas, e no coração deste povo já se afervora o patriotismo para queimar os idolos dos tolos e dos empavezados fidalgos, que em vez de ter dignidade, só sabem trahir a felicidade da Patria, em obediencia aos planos dos aventureiros e dos ambiciosos !

Estamos no melhor acto da tragi-comedia, e é de crer que no epilogo não deixará de fazer sensação o *bilontra*.

Noblesse oblige ! Este povo bem conhece as manhas e as artes de Felippe *égalité*.

VII

Estão damnados os caixeiros cobradores do « Emporio commercial », denominado Custodio, Saldanha & Sargento Silvino e futuros vassallos do imberbe principe Pedro de Alcantara, que se está aperfeiçoando em Vienna, a conhecer as melhores marcas de cerveja, e que em breve, como se assoalha, será aclamado terceiro imperador da ilha dos reptis e suas adjacencias.

Emquanto, porém, não chega o dia do Zé-Pereira, vão os fidalgos da sua côrte matando a polvora e bala os que habitam esta cidade, e, para variar a rabadilha aqui em terra, vai-se deleitando em remexer o fatal *City Improvements*, para com suas munições atacar a reputação dos que combatem a « revolta-chuva », que tem attribulado e atormentado a vida desta população inerme, que não considera a restauração como remedio efficaz da felicidade e da paz da Nação.

Nos seus decretos anonymos, ameaçam já com o « banimento e com a confiscação dos bens », com o martyrio da morte, supremo bem dos condemnados e dos que teem fé !

Por nossa parte, esperamos firmes e resolutos os sicarios da Patria, os covardes sacrificadores da honra do sexo fraco, a victoria, emfim, dos futuros vassallos do pimpolho e novo Sejano, que terá as ossadas dos heróes da Patria como degrãos do throno, em que terá de sentar-se.

Cheios de fé, esperamos o dia em que tenhamos de arrancar as carnes queimadas para atiral-as á face dos tyrannos.

Nessa partida, convençam-se os rafeiros da restauração, não seremos nós quem perderá a partida, mas a côrte restauradora, que perderá quem a empalhe ; e si, para proteger-nos das ameaças que nos fazem hoje, faz-se preciso algum juramento publico, solemnemente compromettemo-nos a empalhar a todos, sem a menor retribuição, para que se conservem, como si vivos fossem, e as gerações futuras os encarem com o mesmo horror e com a mesma indignação, com que hoje são considerados pelos que cahem victimados nas ruas desta cidade, e pelos que são atormentados na sua vida e no seu socego.

Como, porém, ainda não chegou o momento da annunciada victoria, perdoemos os infelizes o que dizem, e nos occupemos ainda, com o afidalgado contra-almirante, que com a reivindicacão de principios e com a restauracão monarchica pretende reivindicar tambem a primazia da raça e o valor da côr.

Si outras razões não o fizessem credor do empalhamento, a ingenuidade infantil com que convidou por carta os briosos e heroicos militares de terra, defensores da Patria, para ajudal-o a engolir o militarismo, que chamou de abominavel, a contubernia em que, por espaço de tres mezes, viveu com quem lhe quiz arrancar os bordados, só por si lhe dá direito ao uso da palma e da capella, emblema da innocencia.

Queremos crer que, si o revoltoso Dr. Climaco Ananias Barbosa de Oliveira, que só depois do encilhamento foi reconhecido como irmão de Ruy Barbosa, collaborasse no manifesto restaurador do contra-almirante da ilha das Cobras, não se esqueceria do que avançara em sua these de doutoramento, que: « o crime de infanticidio era mais commum na classe alta do que na baixa da sociedade brasileira ».

Competente e insuspeito fecharia com chave de ouro a historia da fidalguia, que deixou no curral do encilhamento os seus trajas de nobreza, para auxiliar tambem os latrocinios de que foram victimas os papalvos e os incautos.

Façam o que quizerem, engrossem quanto puderem, mas tenham dignidade; cresçam e appareçam.

VIII

Estamos, infelizmente, assistindo aos funeraes de uma corporaçã, que nos lances mais arriscados da vida da Patria sempre primou pela disciplina, pelo sacrificio e pela bravura de seus filhos.

Mais do que nós outros brasileiros, deve esse punhado de marinheiros, que ainda resta, estar sentindo a dolorosa posiçã em que foram collocados pelos que com a revolta de 6 de setembro

enlutaram o coração da Patria, e a ella, como a nós todos, estão ainda impondo os mais penosos sacrificios.

Si os velhos marinheiros, que na eternidade dormem o somno da morte, de suas campas se pudessem hoje levantar, para testemunharem o degradante espectáculo que na nossa bahia tem dado os que pertencem á sua classe, certamente cahiriam logo fulminados, depois de amaldiçoarem os degenerados brasileiros, que, dominados pelos mais baixos sentimentos, despiram a farda do marinheiro nacional, para envergarem a libré dos lacaios da corte dos garanhões decabidos e despeitados.

Custa crer, mas é verdade, que homens, que ainda hoje confessam terem se votado até ao sacrificio da morte, para que triumphasse uma causa, que na hypocrisia qualificam de santa, se deixem agarrar como uns verdadeiros « quilombolas », e outros, mentindo ás idéas que dizem ter, se estejam prestando a servir de servos da Gléba da « contubernia », da ambição e da astucia com que o pai da fraude restauradora atirou-lhes nas faces, como si lacaios fossem, a bulla da assentada monarchia, occultamente placitada pelo conclave conspirador, e assim averbada no registro do ensilhamento.

Quanta degradação e quanta torpeza, quanta consciencia poluida e quanta imnrundicie emfim, para se alcatifar os degrãos do novo throno em que tem de sentar-se o feto macho da restauração fidalga deste pobre paiz !

A posição, que assumiu na revolta de 6 de setembro o contra-almirante da ilha dos reptis, não exprime a explosão da dignidade de uma convicção offendida, nem a expansão viril de uma mentalidade equilibrada, mas os effeitos da suggestão e do predominio, que os amos conseguem ter sobre seus criados.

Perfidos, traiçoeiros e sanguinarios como Coelho e Pacheco no velho Portugal, resignados e fingindo-se alegres como o Rigoletto do rei, criados todos, só fazem o que lhes ordena o senhor.

Morramos nós outros nas ruas desta cidade, crianças e velhos, sem distincção de sexo e de nacionalidade, mas que o novo e annunciado rei se divirta, e conte como certo comer o novo pão-de-loth dos aujos, que á polvora e bala lhe estão fazendo os seus amanteticos e fleis criados !

Farcista, o fidalgo archeiro, desde que explodiu a negra revolta, para melhor passar o seu contrabando restaurador, eil-o vestido como simples burguez, com o salvo-conducto da neutralidade, transformando a espada de contra-almirante em cajado de pastor e apascentando na ilha dos reptis os cordeiros, « futuras esperanças da Patria ».

Fingiu-se isolado, para melhor fazer crer que fazia uma suprema violencia a seus tão apregoados brios de militar correcto, bem como que, cidadão discreto, era « avesso ás revoltas », e, só desejando a felicidade da Patria, foi dando curso forçado á inventada neutralidade, e assim logrou usar e abusar da paciencia do governo legal da Nação, da credulidade deste povo, até que, transformada a ilha das Cobras em laboratorio de suas perfidas e traiçoeiras manipulações, em armazenagem de quatro paiões de polvora e mais munições existentes na ilha do Governador, por mancomunação com o commandante da Escola de Aprendizizes Marinheiros, da falsificação de uma lista com os nomes de mais de 380 intitulos viuvos e viuvvas existentes na ilha do Governador para o governo legal socorrer e sustentar, da obtenção de uma larga partida de medicamentos, reclamada por intermedio do medico, pago pelo Estado para tratar os imberbes da ilha do Governador, e que não eram futuras esperanças da Patria, — e, finalmente, de suggerir ao seu instrumento capitão-tenente Cyrillo a reiterada exigencia de serem antes fornecidos em grosso os generos, que diariamente eram mandados para alimentação de 147 praças existentes na ilha, e da obtenção inexplicavel da lamentavel circular expedida em 6 de novembro ao seu instrumento de assalto aos cofres publicos, de poder elle despende o suor deste povo, em fornecimentos, com a restricção unica de « em tempo, então, justificar a despeza feita », foi que deixou cahir a postiga corcunda, e jurou matar este povo, si não acceitar, e não entoar hymnos á sua restauração !

Quanta ingenuidade lamentavel, e quantos miseraveis atraicando e vendendo a Patria !

Quanto ensinamento para o futuro, e quanta rega apropriada para refrescar e fecundar as « futuras esperanças da Patria ! » Que isolador poderoso inventou o consummado artista, para

impedir do pernicioso contacto da revolta os imberbes, que adoptou como filhos queridos, e aos quaes, como o Pelicano da fabula, estava resolvido a nutril-os, si preciso fosse, com o seu proprio sangue azul!

Quantos brazões de nobreza já não terão sido rabiscados, para enfeitar as portinholas dos coches, dos cogumellos que hão de brotar nos restaurados salões da suspirada resurreição monarchica!

Batuques e sambas, cateretés, bailados e dansas, tudo se ensaia para festejar o camaradinho Pedro III.

Para nós outros, pobres coitados filhos do povo, bastilhas peiores que escuros carceres! Que importa, si o magico poder da liberdade, que é a mais pura e maior emanção de Deus, ha de transformal-os em Pantheon onde se inscreva a coragem dos que sabem com dignidade affrontar a covardia com que se quer restaurar a maior desgraça, si não a morte da patria!

IX

Cada dia que se passa desta forjada revolta, com que se tem procurado attribular a consciencia nacional, para desacreditar a Republica e incutir-se a necessidade do emprego da salvadora droga restauradora de que se fez o principal Dulcamara o ex-contra-almirante fidalgo, mais se robustece e se firma a convicção dos que observam, de no serviço administrativo da Republica se nutrirem os enxertos da propaganda, dos que fizeram-se ao largo, para com mais segurança estarem atormentando moral e physicamente este povo.

São essas creaturas innocentes que, como outras, vivem agarradas à mamadeira do Estado, que conhecem os segredos de compor as physionomias, que aprenderam a louvar o que estiver nas alturas, para terem como seguro e com pouco trabalho o pão nosso de cada dia, que filiados à perfida escola da neutralidade, creada pelo ex-contra-almirante Saldanha, manejam tambem às occultas, como o pontifice da restauração,

o afiado punhal do sicario, á semelhança do celebre licor de alicarcina dos Borgias, que as suas victimas tomavam, como o melhor dos nectares, para em seguida soffrerem os seus rapidos effeitos mortiferos !

São esses aperfeiçoados artistas, que retribuidos com o suor do povo, sabem apparentar uma lealdade estudada, para que não se suspeite da sua traição e da sua perfidia. Promptos estão sempre ao serviço de todos os systemas conhecidos de Governo, para, antes de tudo, realizarem o seu dogma essencial de vida o « serva te ipsum ! »

Só assim se explica o criminoso procedimento com que tem sido auxiliada a degradante revolta, que, ha mais de tres mezes, está perturbando o presente da vida da Patria, e gravando de sacrificios o seu futuro !

Cyrillo de Negreiros, a quem fôra confiado o commando da Escola de Aprendizizes Marinheiros da ilha do Governador, simulando apprehensões pelo estado anormal dependente da revolta, para pedir fornecimentos em grosso de generos e de medicamentos, para entregal-os ao arvorado « contra-almirante frigorifico », e de tudo dando conta ao fidalgo protector e iniciador do movimento maneta da restauração, o « unico contra-almirante a quem reconhecia, Cyrillo de Negreiros », palavras textuaes, bem como fornecendo polvera e mais munições com que se impõe a « idéa borra », que explodiu no cerebro do solitario da ilha dos reptis, e que foi despertar as energias viris dos imberbes « futuras esperanças da Patria ! »

Só assim se explica a pressurosa expedição da manipulada circular da Secretaria de Marinha, datada de 6 de novembro, autorizando ao relapso funcionario a despende a seu bel-prazer os dinheiros publicos, sob a illusoria condição de opportunamente ser justificada a despeza feita !

Onde pára hoje esse fervoroso acolyto do pontifice fidalgo restaurador, e quanto dispendeu elle para libertar-se do estado anormal do paiz, que a revolta creou ?

Onde pára este felizardo e novo Tiradentes, só contractado por exigencia do contra-almirante traidor, unicamente para cuidar dos queixos dos revoltosos succulentamente nutridos na ilha dos

reptis, com o suor deste povo, e oxygenado no laboratorio da neutralidade? Acompanhou na partida o seu fidalgo protector, ou saudoso cá ficou no « dolce farniente » gosando os proventos da escandalosa pepineira mantenedida pelo anormal estado creado pela revolta ?

Por que, como uma affronta á dignidade deste povo, se consentiu, que um sujeito, á luz do dia, largamente pago e cheio de honras concedidas pela Republica, se conservasse em um alto cargo de confiança, envenenando a mocidade inexperiente, e entregue pelos seus aos cuidados do Estado, e sem escrúpulos e sem dar satisfação, em vez do symbolo estrellado, que annuncia a grandeza e a união da Patria, arvorasse no territorio nacional o trapo branco da commandita exploradora, « fritz-mackisada cruz vermelha », prolongamento da que por muito tempo proporcionou na rua do Passeio aos adeptos confrades da vermelhinha os azares de, sem susto nem carreira, fazerem rapida e boa colheita ?

O honrado cabeça da administração da esfrangalhada marinha brasileira está sentado em um barril de polvora.

Illumine-lhe a fé que possui como sincero crente, decepe os parasitas venenosos, que vivem enboscados na ancora de salvação da sua gloriosa corporação para enervar-lhe os sentimentos de honra, de nobreza e de patriotismo, com que impoz-se sempre aos olhos do mundo civilizado. Ouça e medite, que de norte ao sul deste gigante colosso só repercute o sacrosanto lemma de Republica ou morte.

X

A insensibilidade que a marinha brasileira existente tem mostrado, presenciando os tormentosos dias, com que nos estão sacrificando, e, mais que tudo, degradando a sua propria dignidade, não pôde tranquillisar a Patria e ao contrario a deve sobresaltar.

Não satisfaz a consciencia nacional, em horas de sua suprema angustia, as pallidas e reservadas confissões de não commungar com a revolta grande parte dos que estão ao serviço da Patria, que tem o direito hoje, pelos factos occorridos, de conhecer e de

verificar quem com lealdade está cumprindo com o seu dever de militar, de cidadão e de patriota.

Si no primeiro manifesto (*Custodius magna pars fuit*), com que foi aberta a revolta, lhe foi atirada a affronta de, sinão toda a marinha estar comprometida na revolta, ao menos figurar como cúmplice da cavillosa e subterranea conspiração, na meditada e calculada palinodia do neutro fidalgo, que a manipulara na escuridão das tócas da ilha dos reptis, para valorisar em esterlinos restauradores a celeberrima reivindicação de principios, nem sequer da marinha fallou, cobrindo-se-a assim de ignominia e lançando-se-a ao desprezo !

Exercito e povo, sim, foram os unicos chamados, aquelle para talvez concorrer com fanfarras aos funeraes do « abominavel militarismo », e este para entoar o « pœnitet me », ou ser metralhado todos os dias, por não querer amamentar o monstrengo restaurador, gerado na « contubernia » do marsupio fidalgo e a penca de imberbes, « futuras esperanças da Patria », songadas da vigilancia dos seus e do governo legal da Nação !

Assim, a ancora, tambem emblema da salvação, que symbolisava uma corporação illustre, por tantos gloriosos feitos, que em todas as marinhas do mundo exprime a esperança, a lealdade, a firmeza, a generosidade e o respeito à lei, nesta Patria, hoje tão trabalhada pela ambição do mando, para seguro chegar-se ás algibeiras do povo, traduzindo a torpeza de uns, a traição e a perfidia de outros, a indiferença e a suspeita de muitos, e, como um milagre, um punhado apenas votando-se ao sacrificio para serem os ultimos machabeos !

O navio, machina bruta, só animado pela bravura do navegante em affrontar o furor dos mares, aligero como a garça, rasgando os espaços para, salvando em longinquas terras, annunciar a existencia desta Patria livre, agora, como kagados, arrastando-se nas tranquillias aguas desta bahia, escuros e sinistros como laboratorios ambulantes da morte uns, e outros como esconderijos das depredações da mais brutal pirataria ! !

A farda reluzente do marinheiro brasileiro, que representava a investidura de um poder, que constituia a garantia da paz e da tranquillidade, que se impunha como a depositaria da

confiança da Patria, traduzida na ordem e na disciplina, transfigurada na tunica de Nessus, compressora e pesada, atormentando-lhe as carnes e asphyxiando-lhe o espirito !

A marinha brasileira, silenciosa, muda, contracta e suggestionada ha longos quatro mezes, diante dos soffrimentos tão barbaros e covardemente impostos a esta Nação, com uma revolta que não tem mais qualificação ! A marinha nacional, si é que existe, está commettendo um crime de lesa-patriotismo, que a imparcialidade da historia ha de condemnar.

De um lado estão as attribuições da Patria e deste povo de irmãos, que não sabe regatear sacrificios para cumular-a de bens, mas que agora invocará a infallivel justiça de Deus, contra a covardia dos traidores, que não se pejam de estar esphacelando innocentes, que nos braços das proprias mãis sugavam o alimento da sua vida, de outro uma massa inconsciente, transviada do caminho do dever, capitaneada por meia duzia de creaturas, de quem se póde dizer, como o poeta, que de humanos só a fórma teem, em secreto pacto com o que de mais degradante e sujo entre nós existe !

Porque a evasiva do chamado espirito de classe, em vez de isolador que convença, não passa de quinquilharia burlesca, que revolta !

Por que se faz esta evocação do espirito para todo o criminoso concurso, que se tem prestado á revolta, e só não acode elle ao chamado, para ensinar o cumprimento do dever, da disciplina, do patriotismo e da defesa deste povo, que está trabalhando com tanta difficuldade e sobresalto, para sustentar a quem não sabe por elle morrer, mas sabe trapacear para delle viver !

Desventurada marinha !

Mais do que os soffrimentos da Patria valem para teus filhos a hediondez dos desnaturados, que ainda hontem fingiam acariciar-te, para se irem descartando com premeditada perversidade dos que logo não a saudavam !

Mais do que os cadaveres vivos de hoje, fallam as victimas do *Solimões*, que como espectros se levantam do fundo do oceano, que as tragou, para bradarem bem alto contra os bandidos que á Patria atormentam e a seus irmãos !

XI

Não tem cabimento algum o sentimentalismo ante a ferocidade com que se envergonha a Patria, matando-se propositalmente nas ruas desta cidade o incauto transeunte e o inerme que na tranquillidade da habitação repousa da fadiga do trabalho diario.

Só um povo, que viveu sob a tutela de um senhor, que fingiu amal-o para desfructal-o, poderá ser indifferente ao que se está presenciando com uma revolta que, de descabro em descabro, vai patenteando o estado de desmantelamento a que chegámos.

Cada dia que se passa mais uma vilania que apparece, mais um boato que se prepara para animar as esperanças dos que anceiam pela restauração do encilhamento.

Não ha opinião sincera que não reconheça pesar sobre a marinha o criminoso procedimento de se haver prestado a ser a base de operações da subterranea conspiração, que apezar de toda vigilancia, ainda lavra aqui em terra contra o governo legal da Nação, mas que os seus adeptos nem siquer teem a dignidade de se irem juntar aos que com elles se associaram.

Não são poucos, nem difficuldade ha em conhecel-os, sendo o que mais indigna, é vel-os acoitados nas proprias repartições publicas, muito bem remunerados, franca e abertamente fazendo troça nas repartições da marinha, onde o Governo devia estar seguro em contar com auxiliares acima de qualquer suspeição.

Até disso fazem alarde, aggravando o contristador espectaculo, que está dando a marinha, com quem se tem dispendido escandalosamente o suor do povo, que, si tudo tem supportado, é por ter, infelizmente, sahido de uma escola de humilhações e não saber da anarchia que reina nas repartições, que, por dignidade e moralidade da administração publica, está exigindo o mais rigoroso e severo inquerito.

Um povo que ama a liberdade, estuda e fiscalisa a sua administração, e, enquanto este povo não se compenetrar deste dever, jámais será uma nação de cidadãos, continuará, como dantes, a ser um paiz de vassallos.

Para garantia dos futuros administradores da nova marinha, onde se restaure a disciplina, o patriotismo do cidadão armado e o respeito á lei, já que da actual só sahiram fêras, que do Governo se aproveitaram para municipal-a a abarrotar para a revolta, que nos está massacrando, e metralhando todos os dias e noites; ao menos brademos contra o triangulo, que ainda nella existe, de arranjos, de traições e de baizezas, e que está sendo um elemento de propaganda contra a Republica, e que na propria administração assentou os seus arraiaes.

O ex-secretario dos negocios da marinha, como todos os que o substituirem sem a coragem de destocar o caminho da administração, hão de ficar suggestionados, e farão de simples papel de «medium» no scenario da representação; ludibriados por fim figurarão como cúmplices dos proventos, que estão sendo tirados com sacrificio deste povo, que pela primeira vez está aprendendo na indomavel coragem e na inquebrantavel energia do supremo magistrado da Nação, a saber defender a sua Patria contra os delapidadores.

Não miramos ao effeito, nem fazemos obra de empreitada, fallamos, sim, hoje, amanhã e sempre, sejam quaes forem os sacrificios, com a altivez e coragem do cidadão, que está vendo o perigo da Patria.

Quando e onde appareceu o protesto da marinha contra a revolta, e os horrores que tem ella praticado?

Onde o concurso prestado pelos seus almirantes ao representante do governo legal, para que se termine este periodo de agitação e de anarchia, que degrada a marinha e esphacela a Patria?

Porventura creou a lei tão elevadas patentes em uma corporação, para que aquelles que as alcançaram só fruam em santo ocio as suas vantagens, e se regalem com os seus proventos?!

Ainda bem que agora já começa a marinha a dar symptomas, que indicam a vida, mas á semelhança da chusma dos pedintes, que perseguiam ao frei Militão, que distribuia o caldo na portaria do convento, tambem pede ella em alarido, que seja o da marinha mais succulento. Para tornar completo o pedido não faltarão as castanhas e o vinho verde para a sobremesa, e por fim viva a pandega, e que esta revolta perdure para felicidade de nós todos!

XII

Não cabe ao governo legal a responsabilidade da falsa e afflictiva posição, em que se vê collocada hoje a maior parte da corporação da marinha, que, nos assomos da insensata ambição, em « contubernia » com a astuciosa perfidia, foi exposta aos olhos do mundo civilizado pelo chefe da revolta, e pelo seu lugartenente, como sua inoffensiva bagagem.

Quando não fosse o Governo, ao menos este povo tinha o direito de esperar de sua parte um procedimento, que não des-toasse do alto conceito, que sempre fez della, porque acima de todas as considerações e de todos os preconceitos, nesta degradante revolta, jogava-se a dignidade e a honra da Patria, e á marinha, mais do que qualquer outra classe armada da sociedade, cabia zelar, porque era depositaria de seus mais poderosos elementos de guerra, accumulados á custa de muito sacrificio, e não tinha o direito de *ob* e subrepticamente delles se apoderar, para com elles armar a brutalidade trefega e allucinada, que, na embriaguez da ferocidade, só ancêa em reduzir a um escombro de ruínas esta cidade, que faz o orgulho da America do Sul!

A marinha que resta, pois, com o procedimento que tem tido, de simples espectadora do que se tem passado nestes quatro mezes, se nos afigura, mais uma reunião de espectros, semelhante aos que povoavam o inferno de Dante, do que aquella corporação, que nas aguas pardacentas do semi-barbaro Paraguay, escreveu com o sangue de seus heróes a grande epopéa de sua glorificação, que ainda hoje tem o poder de prostrar reverente este povo, que sabe ser grande no martyrio pelo sacrificio, e tambem é capaz das maiores abnegações!

Que profunda lethargia embotou o patriotismo da marinha, e matou-lhe a sensibilidade? Em vez do sagrado amor da patria, da disciplina, do dever e da ordem, e sobretudo da lealdade, que foi sempre o maior florão de sua gloria, innocularam-lhe a ambição virulentada pela perfidia, dosada pelo interesse, metamorphoseando-a, emfim, em um rebanho de apaniguados, em

vez de ennobrecida formar uma phalange de verdadeiros spartanos, de gigantes operarios, cooperadores da felicidade e da grandeza da patria !

Nem siquer ao menos, quando mais atroador do que o canhão, echoa de todos os cantos, de todas as classes, o brado unisono do mais vibrante patriotismo, que como vulcanica labareda reforça a intemerata coragem do grande capitão, que não mede sacrificios para defender a patria e a lei, ella não se move para, em publica manifestação, tambem dar signal de vida !

Quanta afflicção sobressalta o espirito, quanta tristeza enluta o coração !

Na hora do banquete sim, alegre, prompta, lesta e nedia, partilhando as iguarias e disputando a primazia ; na hora da desventura e do sacrificio da patria, languida, indifferente a tudo, susceptivel, taciturna na platonica contemplação da symbolica charada, que foi decifrada em espirito de classe !

O que exprime, e o que justifica ante a desgraça publica, o morticinio quasi que diario, que tem logar nas ruas desta cidade, de uma população, inerme, o tão cultivado e acariciado espirito de classe ?

Pois quando uma população que teve em seu seio homens, que representaram o mais indigno papel, e sem necessidade, apresentando-se de dia no quartel-general da armada para assignarem seus nomes como indicando a sua lealdade, e á noite, á hora das supremas traições, fugirem para engrossar a revolta, o que pôde merecer o espirito de classe ?

Quando ainda, já não fallamos das monstruosas traições, tem homens como Carvalhaes, que longe daqui escrevem ao governo para manifestar a sua adhesão ao governo legal, e quando é chamado e mal chega neste porto, toma a lancha dos revoltosos, vai juntar-se com o sargento Silvino, e põe-se debaixo de suas immediatas ordens, justifica-se essa magicatura de espirito de classe ?

Que desigualdade de procedimento para com as victimas e os algozes tem tido a marinha, que resta para estes o menos que se faz é a neutralidade na pratica dos ataques, para aquelles que trabalham para sustental-a na vida, como ainda na morte

amparar-lhes a familia, porque os consideram como servidores da patria, a indiferença, o abandono e o desprezo de hoje ?

Como confiar, quando a confiança não se impõe, mas inspira-se com a verdade dos factos ? Como confiar, onde não se sente, nem o murmurar sequer de uma oração, que indique o desejo de chegar-se à conquista dos dias de tranquillidade e de paz de que tanto carece a patria ?

Já basta de representações.

Agora louvado seja Deus, e de um modo sensível se manifeste a sua infallível justiça. Si é facil enganar aos homens, não acontece assim a Elle, que tem o grande poder de ver até ao fundo a pureza da consciencia dos bons, e a hediondez da dos sceleratos.

XIII

Apressamo-nos em manifestar o nosso contentamento, vendo começar a aurora da regeneração da marinha brasileira, que sempre fez o orgulho desta patria, maior ainda pela generosidade de seus filhos do que pela vastidão de seus dominios.

Do Amazonas ao Prata cruzam-se ainda os ventos, que parecendo disputar a velocidade, tem levado ao estrangeiro, essa qualidade, que tanto nos ennobrece, porque ninguem nol-a sobrepuja, de sermos o povo mais hospitaleiro, e como o escolhido por Deus para fazermos a propaganda da synthese sublime, com que o seu unigenito filho sagrou na terra a eternidade da sua doutrina—o «verdadeiro amor do proximo» !

O velho marinheiro, pois, a quem em horas de tanto sacrificio foi confiada a direcção da sua classe, que lhe tem consumido os mais preciosos dias de sua existencia ; estamos certos, que ha de fazer o patriótico e supremo esforço de congregar em torno de si sinceras dedicações, que ha de atear no coração de seus irmãos da armada, essa chamma sacrosanta, que nem o sangue dos que cahem na lucta defendendo a liberdade e a lei, tem o poder de apagar, mas que em ondas se levantam, para santificar os seus heróes !

Ao velho marinheiro, enfim, a quem coube a espinhosa, mas immorredoura gloria, de dizer à sua corporação, tão abatida hoje por tantas decepções, tão atordoada pela ingratição de muitos dos seus, que não se horrorisaram, quando machinaram assassinar a patria, promovendo a indisciplina, a desmoralisação e a suspeita de sua classe, aquellas palavras com que o maior e o mais humilde dos homens, fez levantar a Lazaro estendido e enregelado pela morte—*Surge et ambula*.

Assim, tambem, hão de sahir os irmãos de classe do velho e dedicado servidor, o actual secretario dos negocios da marinha, da profunda lethargia em que foram mergulhados pela tristeza e pela commoção produzida, com a brutalidade da affronta, que em face do mundo civilisado foi atirada à marinha pelos reprobos de hoje, que se fingiam hontem de irmãos. Com tão significativo exemplo ha de hoje a marinha redobrar de energia e de dedicação para tecer com esperanças a mais viçosa grinalda, que tem de ornar o altar da patria, que foi sempre o maior legado que os velhos e finados marinheiros, verdadeiros spartanos da armada brasileira, deixaram a seus filhos.

Em breve, temos fé, que se ha de ver no meio desse manto de estrellas da nossa abobada celeste, scintillar mais fulgurante esse cruzeiro de luzes, que traduz as esperanças do futuro grandioso desta patria gigante.

Não ha de por certo ser esse punhado de ousados navegantes, que da nossa marinha resta, que ha de deixar perigar a estabilidade, a dignidade e a honra da patria, sem atirar em defesa o seu esforço, o seu valor, o seu sangue e a sua vida, como mais um protesto, que secunde as energias e o heroico civismo do illustre brasileiro, que não conhece outras grandezas, que não sejam as da patria, e que só mantem a vida para bem e lealmente servir-a !

Elles hão de disputar em heroismo aos que já cahiram regando com o seu sangue esta terra tão virgem de traições e de infamias, praticadas pelos que hontem haviam jurado defender a honra, a integridade e a dignidade da patria, e que hoje só dão pasto às suas desenfreadas ambições, e até com astucioso cynismo se contubernaram com o que de mais asqueroso se refocillava nas posilgas desta cidade !

Ao velho marinheiro e leal servidor cabe agora destacar o caminho da sua accidentada administração, não lhe falta o reconhecido conhecimento dos homens e das cousas, nem o necessario prestigio; fale mais o cerebro do que o coração, dê sem dó nem piedade, porque assim o exige a patria.

A' marinha que resta, não lhe sobra mais tempo para meditar porque já o teve de sobra, sentindo as desgraças que a todos afflige. Ou vai ao Capitolio depositar desfraldada a bandeira de sua lealdade no serviço da patria, ou em vertiginosa carreira descerá aos abysmos da rocha Tarpêa.

Deus que illumine os seus passos, e cubra de benções os seus feitos.

A MARINHA E A REVOLTA

XIV

Ainda bem, que do immediato responsavel da disciplina da corporação, donde infelizmente explodiu a vergonhosa revolta, que não encontra igual na historia dos povos cultos, partiu hoje a mais accentuada segurança de que a maioria da marinha brasileira não recuará do fiel cumprimento do dever para continuar a bem merecer da patria!

Nem outros podem ser os votos, dos que amam a patria, e consideram a sua marinha, como um baluarte seguro das instituições juradas!

Na hora solemne do sacrificio, tão autorisadas palavras representam para os patriotas mais do que esperanças, se afiguram como os primeiros esplendores da aurora regeneradora de uma classe tão respeitavel, condemnada ao suicidio pela traição e perfidia de meia duzia de ambiciosos, relapsos despreziveis, que viviam disfarçados como seus irmãos.

A marinha brasileira, pois, por honra desta patria, onde o sagrado lenho, apesar de servido pela imperfeição humana, campeou sempre como o marco indestructivel da civilização e da

liberdade, pela voz prestigiosa do illustre chefe, a quem em boa hora, foi confiada a vigilancia de sua disciplina, rompeu o impenetravel segredo, que transformara uma corporação armada, em méra espectadora do lugubre espectáculo, que tem enlutado a patria, e tambem açulado contra as algibeiras deste povo,— a ganancia dos mais desalmados exploradores.

O illustre contra-almirante hoje chefe do quartel general da marinha, pondo-se de guarda deante do sacrario, que resguarda as mais gloriosas tradições de sua corporação, não consentirá jamais, que lhe mareiem o brilho os mercadores, que deixaram correr sem protesto a inclusão de seus nomes como tambem chefes da revolta no manifesto publicado no estrangeiro por tres foragidos, com o fim de concitarem os marinheiros e officiaes a tambem atraiçoarem a patria, confraternizando com a revolta. Que desfolhem as grinaldas ganhas pela marinha com tanto sacrificio de seu sangue, os verdadeiros pyrilampos, que quebrando a disciplina ousaram querer ditar as regras de como devia proceder o chefe do governo da nação e finalmente vaiados na praça publica por tentarem fazer parar, qual outro Josué, o sol que com seus raios mais ardentes tornava incandescente no coração dos patriotas paulistas o santo dever, que os inspirava, vindo tambem com o seu sangue inscrever nos fastos do patriotismo aquella legenda, que immortalizou o genial talento dos girondinos:

« Potius mori quam fedarii »!

Marinheiros, portanto, são todos que restam, quaes outros lobos do mar, capazes de affrontar os perigos até á morte, para restituirem a paz e a tranquillidade da patria, a consolidação da liberdade e a sua supremacia no grande certamen da civilisação, eis o que tem direito de esperar esta nação, que ao mundo espantou decretando as suas mais radicaes reformas, em dias festivos e cobertos de flores.

Os dias amargos de hoje não servem para os ambiciosos, os presumpçozos e vaidosos, que cuidam mais na restauração da sua dechida nobreza, que só estão promptos para, deitados em macias poltronas, desfructarem as propinas das sinecuras rendosas, porque a Patria transformou-se em officina de actividade e do mais ingrato labor. O Conselho Naval, no estado actual da adm i-

nistração da marinha, tudo poderá ser, menos uma officina de trabalho, mais proprio para a conserva dos almirantes d'agua doce, quando do que se precisa são dos da agua salgada.

Em vez do «le roi s'amuse», de hontem, está o rei de hoje, que é o povo se sacrificando e morrendo baleado, uns nas ruas desta cidade, e outros victimados pela ferocidade dos degenerados e cobardes, que campeam como heroicidade victimar uma população inerme, sempre escondidos nas poitas de ferro, que com o mais sinistro aspecto boiam na nossa bahia, e sempre postas fóra dos meios de acção, de que actualmente dispõe o governo legal.

Com a palavra autorisada e vibrante do contra-almirante chefe do quartel general da marinha, deve ser encerrado o registro de desastres, e de insensibilidade, que tanto desnaturou a actividade, a disciplina, e sobretudo o invejado patriotismo da corporação da marinha, segurança da paz e da integridade da Patria.

XV

Para o espirito observador e reflectido, como causa da revolta de que se fez principal prégoeira a pequena parte da marinha, se reconhece a fatal e inevitavel crise moral por que está passando este povo, que nunca soube dar valor ao seu direito, como muito menos procurou comprehender o seu dever.

Em vez da liberdade, regalaram-no com a licença, e tanto depravaram-lhe o appetite, que mesmo hoje, ante os soffrimentos da Patria, se o entretem, ascalhando-se os mais inverosimeis boatos, com o perverso intento de abater-se sinão dominar os timoratos e fracos de espirito.

O boato, pois, constituiu-se aqui em terra uma verdadeira arma de guerra, com que a rabadilha da revolta procura perturbar o trabalho nacional, já que a polvora e a bala não teem podido conseguir atemorisar os que almejam o triumpho do governo legal, e a desaffronta da dignidade e dos brios da Patria.

São sessenta e poucos homens quando muito, que infelizmente pertencêram á marinha brasileira, que se contubernaram e se

amalgamaram, com o que na armada havia de inconsciente, e mais com o que de sujo se remechia nas espeluncas desta cidade, que actualmente capitaneados pelos dous especimens da vaidade, da ambição e da gamenice agaloada, regalam os boateiros e estão trucidando dia por dia esta população, esquecida de que, quando tudo podessem representar esses homens, nunca o seriam idéas e aspirações nobres, e muito menos serem capazes de abafar os sentimentos de honra, de dignidade e de patriotismo de toda uma classe, como a marinha, que hoje mais do que nunca se deve empenhar na defesa da manutenção da ordem, da estabilidade e da integridade de uma patria, de que tambem ella marinha se deve desvanecer de pertencer.

A marinha comprehende que foi de seu seio que sahiram os degenerados, que não só perturbam o socego da Patria, como que atiram-a em augustiosa suspeita; deve saber hoje accentuar com factos positivos e claros a sua reprovação contra os actos de vandalismo, que com tanta cobardia teem sido praticados contra a vida, a honra e a propriedade de povoações pacificas e inermes.

A marinha, melhor do que ninguem, deve comprehender, que para os grandes males só os grandes remedios.

Quem está em perigo neste momento de tantos sobresaltos, não é por certô o governo legal da nação, que em breve, pujante de meios de acção, ha de esmagar os ambiciosos, que julgaram com negaças e manhas escalar o poder, para quando nelle distribuirem o suor deste povo com os seus apaniguados; mas a dignidade, os brios e o futuro desta Patria, que faz um esforço supremo vendo-se tão traiçoeiramente vilipendiada, e servindo como que de pasto ao estrangeiro, que sagaz espreita o momento oportuno de dar-lhe certo bote.

Convençam-se, pois, os boateiros, que mais sensação fez nesta cidade o rodar das muitas carroças pejadas de maduros e verdes abacaxis, do que o forçar da barra pelo urubú *Aquidaban*, e tanto assim foi, que quando os garotos, para melhor impingirem os seus papagaios da tarde, apregoavam a entrada da sinistra barcaça, logo em seguida desmanchava-lhes o effeito o chamado «burro sem rabo» gritando mais forte «olha o abacaxi»!

Assim, pois, o *Aquidaban* que sahe e entra, mergulhado como

o bôto nas aguas da nossa bahia, e o abacaxi, que usa corôa sem nunca ter sido rei, neste momento physiologico desta restauradora, saldanhística e custodística revolta, disputam a primazia na historia e na legenda, quando em popular e pandega revista tiverem de figurar.

Cumpre, porém, accentuar que pela satisfação da sahida talvez devam os empregados mais afeiçoados da revolta e pertencentes à marinha, a percepção nesta quadra, das insignificantes lambugens de 3, 4, 5 e 6 contos, para que fique bem na lembrança, que não houve melhor tempo, de que aquelle, em que «um certo Braz» fôra thesoureiro.

Foram-se os tempos em que os velhos marinheiros, que aprenderam na cartilha do classico Simão de Nantua, o conselho de

« Se a vida desejaes feliz e constante
A Deus e à Patria amai e ao semelhante ».

nunca sonberam desmentir este nobre ensinamento, que encheu-os de valor, e cobriu a patria de louros.

Hoje os vaidosos, verdadeiros pechisbeques agaloados, allucinados com tanta tafularia, nem amam a Deus, nem a Patria, e armados até aos dentes só procuram matar ao semelhante! Infelizes, pobres de espirito, que se esquecem que a justiça de Deus é infallivel!

XVI

Assim na vida do individuo como na dos povos, momentos ha em que se põe em evidencia a sua elevação moral.

Si para muitos pensadores esta qualidade é innata no homem, verdade é tambem que ella se aperfeiçoa, se exagera e se exalta, como se abate e se corrompe, concorrendo para isso muito efficaçmente a perfeição ou imperfeição de sua personalidade moral; e até mesmo em relação ao seu lado physico.

Não é raro até, como nos asseguram os especialistas, serem as modificações physicas do organismo, os verdadeiros stigmatas

da degenerescencia somatica, que quasi sempre constituem o cortejo das degenerescencias intellectuaes e moraes.

Estes como os outros factos, não escaparam á observação de Balsac, que descrevendo as diversas especies sociaes, pela influencia do meio em que ellas vivem, explicou as suas variedades.

À causas remotas se devem attribuir os factos extraordinarios de verdadeiras degenerescencias moraes, que se estão presenciando. Longo e paciente foi o trabalho de humilhações a que foi sujeito este povo, que só se julgava feliz, quando abdicava uma por uma das qualidades, que constituem um cidadão de um paiz livre. Gasto e enervado nas inuteis luctas politicas, com que se o esphacelava, tornou-se indifferente, egoista e, como um supplicante, só se considerando animado quando recebia o sorriso da divina graça.

Só lucravam os ambiciosos e a mediocridade pretenciosa, nunca porém o povo, que era sempre o sacrificado.

Assim quebraram-se todas as resistencias. A cidade, a provincia, tudo foi um simulacro de poder, e o *deficit* foi o imperio, e o imperio foi o *deficit* com que se escravizou a liberdade do cidadão, e se aviltou a dignidade nacional. Baqueou o imperio, mas ficou a nação tributaria do estrangeiro.

Meditada foi a invenção, mas em verdade digamol-o, que com habilidade foi praticada.

Surgiu em fim a Republica, e em vez de imperar pela convicção, dominou pelo interesse; em vez de homens, levantou lesmas, que se arrastaram,—«Primo vivere deinde philosophare» — foi a senha que açalou todas as especulações, venceu todos os escrupulos, afinou todas as ambições!

A marinha contaminou-se com tão malefico contacto, perdeu as suas tradições, esqueceu a sua disciplina, não manteve a sua cohesão, e de seu seio sahiram os que estão ainda hoje prostituindo a sua dignidade, depois de ter urldido nas trevas a mais monstruosa traição, onde o roubo, o assassinato e todas as cobardias, que denunciam a degeneração humana, estão sendo até consideradas como actos de heroicidade.

Um povo, pois, que dá valor á sua grandeza moral, não precisa que ninguem lhe ensine, na hora dos soffrimentos e das afflicções da Patria, a cumprir com o seu dever.

A Falperra marítima, que está appellidada de revolta de uma parte da marinha, está também sendo explorada pelos miseráveis no estrangeiro, para regalar na Europa a curiosidade dos que lá vivem á custa do suor deste povo, só sabendo, elles, que existe Brazil quando estendem a mão, para receberem a gorgeta no fim dos mezes.

As torpes e mentirosas especulações, que sem ao menos um protesto echoam lá no estrangeiro, também são o dobre funebre que annuncia os funeraes de uma corporação, que com tantos feitos de prodigio e de valor illuminou as paginas da historia patria.

O capitão da bandeira desta revolta restauradora, que atormenta a vida deste povo, não pense que ha de conseguir restaurar as desmaiadas decorações dos brazões de papelão de sua pedantesca nobreza, porque chafurdou-a no charco, onde se refocilaram os estellionatarios, os larapios, os jogadores da trancinha, os safardanas emfim de todas as procedencias, e contubernados com elles hoje, só mata, depreda e degrada a Patria.

Ao resto da marinha que existe repetimos as palavras, que immortalisaram o representante do patriarchado da nossa independencia politica!

Ah ! porque não sereis o que já fostes ?
Mudou-se o vosso céu, o vosso sólo ?
E não são ainda os mesmos estes montes
Estes mares e portos ?

Não se pôde negar que assim é, porém, mais do que as grandezas, servem as desgraças da Patria para especulações e arranjos.

Felizmente como o mesmo inspirado poeta polemos também dizer que :

O constante varão que ama a virtude,
Co'os berros da borrasca não se assusta,
Nem como a folha do alamo fremente treme á face dos
males.

XVII

Não ha que contestar da lealdade nunca desmentida, nem do patriotismo, do esforço, nem do sacrificio, que neste momento estão fazendo os dous marinheiros, que assumiram perante a Nação a direcção da administração do governo e da disciplina da marinha, que com pasmo de todos jazia, ante a revolta, mais como um ajuntamento tolerado, do que como uma força activa de realidade e de acção!

Os dous correctos marinheiros, que tantas provas já haviam dado, redobraram no sacrificio, para aviventarem a sua desventurada corporação, que na mais angustiosa das agonias se debatia, contemplando seus filhos não usarem mais em publico de seus uniformes, para não parecerem estar promptos para salvar-n'a da ignominia em que fôra lançada, e donde sahiram filhos, que renegaram-n'a, para perfila e cobardemente, á semelhança do crocodillo, se saciarem nesta bahia, com o sangue que todos os dias derramam nas ruas desta cidade.

Quantas decepções e quantas amarguras já não terão curtido os dous dedicados servidores, sentindo a frieza da alma dos que só sabem envergar a farda no principio dos mezes, para receberem o quinhão que lhes cabe do suór deste povo, que verte-o no trabalho que escacêa, e torna-se quasi improficuo deante da faina da cohorte exploradora dos generos de primeira necessidade para assim se prestar effcaz apoio á revolta restauradora!

Já chegámos, porventura, ao estado de se transformarem os encargos publicos em repletas manjedouras, onde o ser pensante se nivela á condição do bruto, que não sabe por conta de quem mastiga?

As insidiosas manifestações que denunciam a infecção da revolta, que teem solapado a disciplina, e a escusa de alguns officiaes de marinha, indicam o emprego de meios de energica prophylaxia.

A tibieza por um lado, e os desmandos por outro da ultima administração da marinha, hoje em dia não podem mais servir para mystificar a inercia de uns, a maromba de muitos, e finalmente a encapada esperteza de alguns.

A marinha tem hoje no seu leme palinuros amestrados e conhecedores dos perigos, para apontar a defesa da honra e da dignidade da patria, tão traiçoeiramente offendidas, como o unico e abrigado porto de sua salvação.

Porque, então, não os secunda com real e proficuo esforço, os que moralmente ainda vivem, mostrando assim, que é a mesma marinha, que sabe manter e respeitar o patrimonio de honra que lhes foi legado pelos seus mais illustres antepassados ?

Mais propria é a hora para o sacrificio, do que para puxar-se brazas para assar as sardinhas. A Patria, o governo e este povo emfim, que é o que dá para o prato, tem o direito de saber com quem póde e deve contar, para convencer ao astucioso estrangeiro, que não é licito nem digno, com a bandeira, que symbolisa a grandeza de um povo livre, cobrir a perfidia e a cobardia de uma revolta tyrannica, que atormenta uma nação amiga.

Nem mesmo o celebre bandido, que tirado das masmorras e acariciado pelo refalsado Ricardo, depois conhecido pelo Coração de Leão, prestou-se a estrangular, quando lhe fôra ordenado, os innocentes, que sequestrados, dormiam na torre de Londres.

Esse mesmo scelerado teve a dignidade e a altivez de responder « ter, é verdade, praticado crimes, mas nunca commettido infamias ! »

XVIII

Mais do que o saneamento physico, está exigindo esta nação o saneamento moral, afim de que a mocidade, que desponta cheia de valor e de patriotismo, encontre na vastidão e na uberidade desta terra tão sacrificada um ambiente puro, que lhe redobre a coragem, lhe reforce as energias, para transformar esta Patria em officina de trabalho, e se assegure o futuro que lhe está destinado.

Quebremos, pois, já é tempo, os velhos e gastos moldes, os prejudiciaes distilladores, onde gotteja a venenosa e subtil corrupção, que transformou, á vista de todos, tantos entes em miseraveis, que depois de desprezados apodreciam antes de morrer.

Redobremos, portanto, de sacrificios. e reforçemos as guardas do erario, donde mina o suor deste povo, que não sabe o que são grandezas, que vive no trabalho diario, para matar a fome da mulher e dos filhos, cansando o corpo no luctar pela vida, mas que, quando ouve os gemidos da Patria, sem pesar sacrificios, acode com spartano devotamento, a dar o sangue e a vida pela sua desaffronta !

Invistamos, só tendo o pensamento em Deus, e no coração o amor da Patria, contra as machinações, os interesses que se ageitam e se calculam, contra os sortilegios e as magias que se remexem, se combinam e se invocam, para que nos ventos que se agitam, se desdobrem as esperanças que animam esta tenebrosa revolta de chegar a seus desejados fins !

Não foram nem os grandes, nem os nobres os que teem quebrado no mundo os pesados e inventados instrumentos do despotismo, mas o povo, como os filhos da Vendéa, que desceram como caudalosa catadupa, trazendo como bandeiras a mortalha dos seus bravos !

Foi com ellas que venceram a tyrannia, e plantaram a liberdade, que hoje o mundo gosa, e que esta miscellanica e brutal revolta quer asphyxiar com a fumaça da polvora, para restaurar no meio de seus destroços o imperio do filhotismo, dos sophismas, e dos servís !

O homem de terra, é certo, morre, mas o homem espirito vive, e viverá sempre em todas as épocas da vida de um povo, como o real attestado, de não haver elle perdido de todo a sua dignidade, nem a sua nação a grandeza moral. No primeiro cidadão, e seu chefe legal, está o exemplo luminoso do civismo, da coragem e da resistencia tenaz, contra os desmandos, contra os sanguinarios que matam a todas as horas e a todos os instantes, que lhes apraz divertir os « imberbes », que corromperam e transformaram em monstruosidades humanas, bem como contra os marsupios, que empregam a lealdade, como um narcotico, para tranquillos sugarem os proventos, e tornal-os mas succulentos.

A marinha que resta, infelizmente, viu com frieza e inermes, os navios do povo, que é a Nação, traiçoeiramente ou não roubados da noite para o dia, para serem transformados em armas temi-

veis de destruição, e de morte deste povo, que os pagou comprimido por pesados impostos; em vez do protesto de condenação, a inercia e a expectação, em vez dos riscos e dos perigos, as remuneradas sinecuras e as immoraes gratificações, as dores de barriga e das canellas, no santuario das consciencias, uma vella accesa a Deus e outra ao diabo.

A marinha não tinha alma, não tinha vida, não tinha patria? O que faltava para o cumprimento do dever, para o desaggravo dessa disciplina, que fez sempre o seu orgulho, e que sepultou para sempre nas aguas da tyrannia do Paraguay os instrumentos navaes, que lhe foram oppostos?

A palavra vibrante com que inaugurou a sua chefia, o illustre encarregado do quartel-general da armada, deve ser o *fiat lux* para a corporação.

O illustre marinheiro ao menos, resolute e sobranceiro, desfraldou, ainda que farpada, e bem alto, para que todos vissem, a bandeira da disciplina e do cumprimento do dever, indicando assim a seus mais companheiros, do que subordinados, qual o caminho da honra e da dignidade, digno de marinheiros que se prezam e filhos de uma nação livre.

E nós povo, tambem por nossa vez digamos, repetindo a patriótica strophe do immortal poeta brasileiro :

As baionetas que os servis amestram,
Carnagem, fogo, não assustem peitos,
Que amam a liberdade, amam a Patria
E de brasileiros se prezam !

XIX

Mais do que as palavras, fallam os factos para demonstrar a necessidade de uma reforma radical na administração publica deste paiz, porque a existente só tem concorrido para desmoralisar a acção da autoridade constituida, e aviltar o character nacional !

Foram, é certo, o empenho, a adulação e o servilismo os principaes factores; do descredito da instituição decahida, a cor-

rupção trabalhou tanto o organismo social, que são os proprios corrompidos, os que julgam impossivel haver outra manifestação, que não seja a comprada !

Assim nasceram, criaram-se e foram educados como archeiros do poder e ratazanas do Thesouro.

A revolta indecente que do mar ameaça a segurança, a propriedade e a vida da população, desta mais que aberta, escancarada a cidade, e que em terra suga gradual e lentamente o fructo do trabalho dos que com elle disputam o bem-estar e a commodidade dos seus, está claramente demonstrando, que as abusivas praticas, as manhas, os sophismas e os embustes escoaram-se do imperio para acamarem-se na Republica !

A revolta, pois, que aborrece, enoja, irrita e envergonha a quem observa e contempla a sua audacia, tambem degrada e acabrunha o caracter nacional !

Este povo, que tem trabalhado para sustentar uma classe armada, como a marinha, que sempre foi tão respeitavel pela sua tradição e pelos seus feitos, está se vendo enganado, não encontrando hoje toda ella a disputar o sacrificio, para defender a Patria, e restituir-lhe os dias de calma e de tranquillidade de que tanto precisa.

Este povo ainda ha de reconhecer, que não será com esta e outras revoltas, que só teem criminosamente conseguido estagnar as fontes mais proveitosas do trabalho nacional, que se constituirá a verdadeira liberdade, que felicitando o cidadão ennobrece uma nação.

A marinha, si de alguma cousa se póde gabar, só o será, de haver conseguido accender odios, açular suspeitas, e finalmente remexer a podridão, que nem mesmo ante a desgraça da Patria, não recua no emprego dos meios da mais torpe exploração.

O que pretende esta revolta que, qual outra lei do propheta do « crê ou morre », começou com o puff da « reivindicação dos principios », e logo em seguida contubernou-se com a cavillosa restauração monarchica com que se embalou os « imberbes » na mentirosa neutralidade da ilha dos reptis ?

A revolta, apesar de todos os boatos, de todos os auxilios dos

correios que entram e sahem, começou a perder o prestigio, não pôde com as cebolas.

Mais immediato proveito já tirou este povo, com a revolta das cebolas, do que com a revolta da marinha capitaneada pelos dous ex-contra-almirantes !

Para os boateiros, e para os escrevinhadores de cartas anonymas, minhocas da esterqueira, tudo já está ganho pela gente do pé ligeiro, preparam já os bumbos, os foguetes e os pandeiros, os turungas cucumbys, os cartolas, os surrapas, os chuvas e os bilontras para romperem na frente do prestito, a musica de pancadaria, na triumphal entrada, nesta Babylonia dos sacrificadores da Patria, seguindo logo para abrilhantar o prestito, montados em páos de vassoura os imberbes, de calças de corpinho com a fralda da camisa de fóra, e para garantia do farrancho fechará a retaguarda a penca dos reformados contra o artigo « onze lettras » da compulsoria reforma !

Que dia de juizo, de tripudio e de loucuras, maior do que o festim do sanguinario Balthazar, discursos, fallação, tiros de salva, hipps e hurrhas, tudo em frenetica agitação ! E tu, povo, algemado, entregue a nova sanha, dos que no encilhamento limpam-te as algeibeiras, e esta Patria prostrada deixando de ser uma grande nação !!

XX

Não ha classe que mais caro tenha custado neste paiz ao contribuinte, como a marinha, que de cutellos e varredouros entra sempre com largueza nos orçamentos da despeza publica, como ainda faz-se representar em todas as épocas da nossa historia financeira, como a proeminente figura dos mais avultados e extraordinarios creditos, que teem concorrido para desequilibrar as previsões orçamentarias.

O nosso contribuinte, valha a verdade, vae albardando tudo quanto se lhe põe no lombo, e é por isso que não se apercebe da sobrecarga com que o está fintando esta insensata revolta.

Si outra fosse a sua educação politica, é bem de crer, que n'um assomo da sua dignidade offendida, pela affronta que lhe lançou o principal gerente da matilha, que ainda boia nas aguas da nossa bahia, julgando-o « só digno de ser metralhado por sustentar o governo legal », talvez lhe tivesse provado, que nesta terra ainda não desertaram espavoridos a dignidade e o brio do cidadão, e que não teme elle as nevroticas crises dos pinta-legretes agaloados, arvorados em herões á força pela criminosa ineptia, com que foram deixados em paz, encapados na mais artilosa das neutralidades!

Só almas apodrecidas e cevadas, no que mais ha de interesseiro e egoistico, indifferentes se poderão manter, ante as cynicas declarações dos dous quilombólas acoutados e agarrados na serra do Tinguá, quando orgulhosos declararam terem disparado contra esta cidade, e pela ultima vez, o formidavel canhão do sossobrado *Javary*, e cujo projectil reduziu a cacos tudo quanto existia na habitação do Sr. Dr. Corrêa Dutra! Tambem quando, como por escarneo a este povo, ainda confessaram os immundos, estarem resolvidos, e quando o entendessem, arrazar em uma hora a parte commercial desta cidade!

E' preciso não ter alma, não ser brasileiro e não ter vergonha, para não se exclamar cheio de indignação, vendo-se contar o que na desprotegida povoação de Mauá e na ilha de Paquetá fez o bebedo inglez Miguel, da orelha cortada, ex ou não empregado da empreza Lage, quando lá saltou com 50 marinheiros, por ordem do primeiro gerente desta reivindicadora e restauradora revolta!

Miseravel « bife », em tua terra, em que o povo tem preferido comprar a liberdade, que constitue a sua gloria e a sua supremacia no mundo, tu, não te atreverias a levantar a mão armada, fervendo-te no bucho a cachaça, contra um povo inerme, quando na tranquillidade da noite buscava o repouso, para pedir-lhe a bolsa ou a vida!

Em vez das honras, que te foram conferidas por essa contubernia de degradações e crimes, e que só a Patria sabe conferir a seus leaes e dignos servidores, lá mesmo onde o velho de 85 annos despreza a vida pela liberdade, no exemplo vivo de

Gladstone, a tua sorte já estava dictada pela dignidade humana. Aqui, nesta infeliz terra, em que os brasileiros são verdadeiros degradados, tu és, para honra desta revolta, e podes-te gabar de ser, o mais formidável esteio do futuro throno, que ha de se afundar no sangue dos heróes que defendem a liberdade.

Não te falta audacia nem poder; dous dedos de grammatica, e haja tolos e medrosos para roubar!

E tu, explorado povo, que não sabeis forjar boatos, mas que sois a unica victima delles, maxime quando comprais a subsistencia, augmentai na resignação e na coragem, para assumir a posição de senhor, e ao menos punir com o desprezo os exploradores, que na grande desgraça da Patria tentam resuscitar a prostituida escola em que representaste sempre como juguete dos ambiciosos e dos exploradores.

Cantai tambem a «Carmagnole», e em Deus tende fé, que o dia de vossa gloria não tarda a chegar!!

XXI

Estão cahindo mais que podres os fructos desta vergonhosa revolta, que só tem coberto de luto o coração brasileiro, e regado de sangue de heróes o solo sagrado da Patria!

Os dous ousados marinheiros, que de corpo e alma se votaram ao sacrificio, para tentarem a reabilitação moral da sua classe, como romeiros do dever, vão pela estrada só encontrando, mais que moribundos, já frios como o gelo, corpos insensiveis ao cumprimento do mais sagrado dos deveres.

O reboliço, que muito antes da explosão desta revolta já era visivel e patente na armada, e que só o ex-secretario, em expedição hoje no norte, não percebera, mas que os aventureiros e os ambiciosos clarearam com os fogos que accenderam nos navios roubados, pôde-se dizer, sem medo de errar, que constitue um facto virgem na historia dos povos cultos! Não serve elle para elevar os brios e a dignidade de uma classe, mas se accentua como um signal caracteristico de ter baixado o nivel do caracter

nacional que, mais do que outra qualquer classe, cumpria à marinha, como classe armada, se esforçar para levantar e zelar !

Si esta revolta, que tanto tem massacrado este povo, degrada e infama a marinha, que se tinha tanto glorificado com os trophéos que immortalisaram a sua bravura, a sua disciplina e o seu patriotismo, com que sempre serviu a Patria, em dias que se não apagam da memoria dos que vivem, e da historia, que os guarda para incendiar no coração dos vindouros a mais sincera veneração, a pinguela indecente da reforma, nesta crise de angustias, por onde se estão escapando os que até hontem estavam sãos e nedios, e que hoje se estropiam para não servirem à Patria, a está aviltando e cobrindo de ridiculo !

O sophisma inventado é por demais grosseiro, e cahê vilipendiado ante a colossal e immensa bravura, que transpõe a heroidade com que phalanges de patriotas se revesam, para conter a ferocidade das hyenas, que foram soltas das prisões onde estavam para garantia da sociedade, e que hoje hobreiam altanadas com o astucioso fidalgo, como bravos da corporação da armada !

Mas, reforma por que ? A reforma sempre foi o premio do bom serviço, do leal e correcto servidor da Patria, o reconhecimento publico, sinão a attestação honrosa com que a Nação galardôa a seus batalhadores; na Republica hoje, muito mais, deve ser, ante a lei compulsoria, que, assim como resguarda e defende os direitos dos militares, tambem acautela os sacrificios do explorado contribuinte.

O escandalo asoberbou a marinha e se alastrou por todas as suas dependencias ! Já se affronta com premeditação a acceptação de commissões para receber-se ajudas de custo, e em seguida dar-se parte de doente, desmoralisando-se assim o poder, mas ficando-se com o cobre, que é o suor deste povo que está vendo cahirem em Nitheroy inermes mulheres esquarteradas pela machadinha dos faccinoras, que formam a guarda pretoriana do futuro throno, do novo « chimpanzé », que tem de resuscitar o papo de tucano e o saio de princez, quando se fizer a pandega da ruminada restauração !

Si a experiencia tem praticamente demonstrado a semelhança das crises do organismo social com as do organismo humano, tanto umas como as outras só se vencem com muita energia e muita abnegação.

Mais do que nós outros, sabem os inglezes que a sua Inglaterra, que depois do supplicio de Carlos I mais se podia comparar a um doente nos paroxismos de uma febre, não seria salva si não encontrasse a energia e a coragem de Olivier Cromwell : só assim pôde ella arrancar da Hespanha a sua Jamaica e fazer abaixar o pavilhão hollandez ; só assim o temivel Mazarin recuou de conceder ao filho do desgraçado rei, a conferencia com elle ajustada.

Finalmente, si não trancasse elle o parlamento á Inglaterra não teria augmentado tanto o seu poder e gloria para constituir-se a grande nação, de que tanto se orgulham hoje seus filhos !

O Brazil com esta revolta está mostrando ter tocado ao periodo critico de uma verdadeira enfermidade moral : a coragem, a energia e o patriotismo constituem a sua therapeutica ; ninguem a sabe manobrar melhor nem mais scientificamente applica do que o chefe do governo legal, que para esta Patria impõe-se hoje como uma legenda.

Mais do que a ambição e o commodismo dos egoistas, deve prevalecer o sacrificio e a abnegação.

Nova escola a este povo, para que elle aprenda a amar alguma cousa, para só assim fortalecido saber defender a liberdade.

A velha escola prejudicou a arte, desmoralizou os artistas e sacrificou a liberdade !

XXII

Ha de ser com o sangue das victimas, que os machados dos suissos da forjada restauração teem tão infamemente derramado, que a Republica ha de sanear o ambiente moral desta Patria, por tão longo e dilatado tempo infeccionado !

Si o baque dos que cahem no solo sagrado da Patria enche de alegrias satanicas os immundos, que nas trevas machinaram os

dolorosos transe, que ha longos cinco mezes teem soffrido com resignação os que offereceram em holocausto o seu sangue e a sua vida pela felicidade da Patria e pela sustentação do governo legal, ainda serve, para cada vez mais redobrar-lhes a energia e a coragem, e como o toque da alvorada se afigura da reabilitação moral de um povo, que prefere ser aniquilado, a abrir mão do legitimo direito de governar-se !

A tenebrosa conspiração, que está no mar respirando as marezias das aguas remexidas pelos helices dos paíões da morte, sob a immediata gerencia do afdalgado « Charonte » que o jornal *Figaro* da França impinge a seus leitores como o — le petit fils de l'illustre Vasco da Gama, — está fumegando tambem aqui em terra nos corações apodrecidos, que estenderam nesta cidade o panno verde da mais bravia e aladroada tavolagem, para fazer hoje do supplicio da fome o poder succursal da revolta marítima, preferindo até, que os generos de primeira necessidade apodreçam nos trapiches, que jazem abarrotados, a lançal-os no commercio para satisfazerem as necessidades publicas, em uma quadra climaterica de sobresaltos e de perigos reaes para o povo, que tudo quanto ganha não chega para satisfazer as ambições da torpeza e de miseraveis especuladores !

Os poderes publicos precisam ser vigilantes, activos e energicos, e investirem contra os que estão batendo moeda sobre as desgraças, que duplamente estão atormentando esta pobre população ! Mais do que no tempo do rheumatico e perfido Luiz XI, si alguém hoje tivesse o poder de Francisco de Paula para quebrar as moedas, que enchem a sacóla dos especuladores, por certo, mais sangue verteriam estas, do que aquella, que, á vista do miseravel rei e dos seus agaloados lacaios, foi quebrada entre os dedos do glorioso servo de Deus !

Vouu ainda esta revolta, apodrecido fructo da restauradora conspiração, nas azas da calunnia e da intriga para transpôr o oceano, e lá no estrangeiro, onde se inebria e se diverte a colméa da nossa diplomacia, tão largamente nutrida com o suor deste povo, para ostentar-se insidiosa, ousada e perfida no conhecido jornal *O Figaro*, em artigo sob o titulo « Mme. la contesse d'Eu et le throne du Brésil » para assegurar que « l'imminence

d'une restauration monarchique au Brésil est tellement evidente ! Personne plus, qu'elle ne s'afflige de ces luttes sanglantes qui reunent son Empire (contesse d'Eu), autrefois si florissant : mais elle ne peut s'empecher d'applaudir aux succès de son fidele serviteur l'amiral da Gama, celui qu'elle a tant de fois admiré à la tête de son bataillon de imperiaes marinheiros.»

Esta revolta, pois, que recebeu o primeiro sopro de vida nos salões, à meia luz, do Club Naval, não exprime nem a bravura nem a dignidade, nem o civismo de uma classe, que tem sido retribuida para bem servir a Patria. Esta revolta representa hoje a argamassa de odios e ambições, de perfídias e de baixezas, torpemente manipuladas contra a impoluta probidade, resistencia sem treguas com que o grande cidadão tem investido contra os assaltantes do erario publico.

E' esse o crime horrendo do servidor patriota, que o povo defende sem temer a morte !

A marinha que foi, dia por dia, condemnada por Deus e pela Patria, se vai afundando na escuridão da morte, levando consigo as imprecações das victimas que faz ; a que ficou, salvo honrosas excepções, como os ultimos machabeus, ha de salvar a honra e a gloriosa tradição de sua classe e do pavilhão auri-verde, que é o santelmo, que ennobrece a nacionalidade e a liberdade de um povo, que tambem faz parte da grandeza da communhão americana !

O mundo felizmente está testemunhando, que nem a metralha dos lacaios da futura córte, nem o machado e o punhal dos faccinoras galés, si matam homens, em cada um suscitam novos heróes, deixando salpicadas de sangue as faces sinistras dos sacrificadores da Patria, bem como os prégões restauradores, que repercutem na França, e de que já se fez prégoeiro o *Figaro* para tambem arrebancar mais alguns soldos dos seus curiosos leitores.

Diplomacia, diplomacia, tu vales tanto hoje, como valeste hontem nesta terra, sempre foste mais um marsupio para sugar o suor deste povo, que é o seu trabalho e a sua economia !

A tua revolta, si não é de bala como a da marinha, é tão ter rível, si não mais, porque está longe da vista e da observação !!

Aos Srs. eleitores do 3º districto da Capital Federal

Venho, Srs. eleitores, solicitar o vosso suffragio, para na Camara dos Deputados representar esta cidade, onde nasci e onde me tenho esforçado para ser digno della.

No momento actual, em que correm perigo os mais caros interesses publicos e particulares, só a franqueza, a abnegação e a coragem podem servir de armas para conjurar a desgraça que victima a Patria.

Hoje, mais do que nunca, reconheço a necessidade de um governo forte, estavel, para restabelecer a ordem no interior, bem como inspirar a necessaria confiança no exterior.

Foi a fraqueza dos governos de hontem quem gerou nos governados de hoje a indifferença em uns, o egoismo em outros, e a cobardia de muitos.

A centralisação foi a chave deste vasto celleiro, onde os famintos politicos fartavam suas ambições. A Republica quebrou esta arma, que dominava a consciencia e comprimia o cidadão.

A eleição de hoje deve ser a arena onde o povo firme os seus direitos, elegendo quem julgue com capacidade moral e intellectual, e sobretudo elevado civismo para esquecer-se de si, só tendo os olhos fitos na imagem sagrada da Patria !

Chegou a occasião do sacrificio ; o marechal Floriano Peixoto tem sido o exemplo vivo do sacrificio, da abnegação e da probidade. Ninguem elevou tão alto o desinteresse e o patriotismo, para firmar a dignidade desta Patria e manter-lhe o direito de governar-se.

A indifferença no momento actual é mais do que uma abdicação, assume as proporções de uma criminosa conspiração.

A monarchia acabou porque nella ninguem valia nada, e a Republica, para ser uma realidade, é preciso que os homens valham alguma cousa, e só se vale quando se sabe cumprir com o dever.

Nunca coube ao brasileiro tão grande responsabilidade sobre os destinos de sua Patria, e esta cidade, que ainda hoje está

registrando tantos actos de heroicidade, não deixará de afirmar também, com a dignidade da consciencia, na manifestação do voto, a escolha de seus representantes na Assembléa Nacional.

Submettendo-me ao vosso julgamento, tenho como certo, que me não fareis a injustiça de suppor, que não saiba cumprir com o meu dever.

Não sei prometter para faltar, assim como nunca me neguei ao sacrificio para defender a liberdade.

Capital, 19 de fevereiro de 1894.— Dr. *Fernando Francisco da Costa Ferraz*.

XXIII

À eleição

E' deprimente para o coração brasileiro neste momento critico da vida da Patria, estar assistindo o estupendo fervilhar de ambições, que pullulam, de interesses indiyduaes, que se remexem na sordidez de uma politicagem, que outr'ora tanto deturpara o character nacional, e transformara o cidadão em um constante pedinte !

Estamos hoje no regimen republicano, que entrega ao criterio e ao patriotismo da Nação a escolha de dous cidadãos, sendo um para presidente e o outro para vice-presidente.

A nenhum outro cidadão como ao presidente da Republica cumula a sua lei de maior nem de mais tremenda responsabilidade pessoal, na direcção dos negocios do paiz, e por sua vez ao vice-presidente quando em exercicio, como seu substituto legal.

Quem está correndo hoje perigo, não é só esse instituto, mais do que isso, a propria vida da Republica nesta revolta infrene e cannibal ; no emtanto o que se vê, é só o frenetico reboliço dos interesses indiyduaes, a cabeçada das candidaturas parlamentares, pequenas ambições, ante o colossal interesse

da causa commum, que se vae chocar na grande solemnidade, que pela primeira vez se vae dar no seio do proprio povo, com a eleição de seu principal representante e de seu substituto legal.

Serviços, abnegação, sacrificios mais crueis do que talvez a propria morte, patriotismo, e uma dedicação sem limites na defesa calma, reflectida e imperturbavel para salvar a dignidade e a integridade da Patria, são neste momento esquecidos e mystificados por uma politicagem chula e de aldeia, pretendendo-se fazer vingar uma combinação para presidente e vice presidente da Republica em época muito differente da actual. O triumpho da pretendida combinação seria a sua propria condemnação, porque não representa ella a elevação moral do sentimento nacional, ante factos que são patentes e que só por si bastam para glorificar a vida inteira de um cidadão !

O honrado actual vice-presidente da Republica, si pela lei constitucional está impedido de ser eleito presidente, nada tem que incompatibilise a sua eleição para vice-presidente, e esta Nação si tem a verdadeira comprehensão do dever, commette um acto, que só indicará o quanto tem baixado o seu nivel moral, não fazendo recahir o seu suffragio para vice-presidente no denodado marechal Floriano, que tem sido a garantia da ordem e o imperterrito defensor da Patria, batendo esta revolta que só a avilta e a desacredita perante o mundo civilisado.

A eleição do desinteressado cidadão impõe-se a esta Nação mais do que um dever, como a respeitosa e sincera homenagem que esta Nação tributa á mascula coragem com que elle tem sabido defender a vida da Republica e a soberana vontade da Nação.

A's urnas, pois, cidadãos, para honrar com o vosso suffragio ao marechal Floriano Peixoto, conservando-o como o vice-presidente.

A elle honrando, honra-se esta Nação a si propria, mostrando ao mundo, que a Republica sabe apreciar a seus leaes e sinceros servidores.

XXIV

A marinha e a revolta

Na heroica resistencia, que o povo está fazendo aos piratas, que ousaram perturbar os dias calmos e serenos, que atravessava a Patria, se está provando a sentença de Jonveau, quando assegurava que o futuro de uma nação só se fundava sobre as masculas qualidades do povo.

Esta desgraçada revolta, porém, si alguma cousa é capaz de provar, nunca será a grandeza moral dos que a fizeram, mas a quanto pôde chegar a degradação do caracter do homem !

Ella resulta de um paciente trabalho de insidias e traições, geradas nas trevas e nos logares secretos, crescendo como a hydra de Lerna, e finalmente tentando devorar o presente e o futuro desta Nação ; e por mais que se tente sophismar a verdade e a justiça nunca se conseguirá que o futuro deixe de proclamar a coragem civica e a imperturbavel calma com que o grande eidadão affronta impavido esta revolta, e se conserva firme como o rochedo onde bramindo vêm esbater-se as ondas revoltas do oceano !

Foi a politicagem de hontem quem enervou o caracter desta Nação, e será um crime de leza-patriotismo, fomentar a sua ebulição no periodo de uma revolta, que se agarrando a todos os meios mais indecorosos para viver, só se inebria com o estrebuchar das victimas que cahem, e que hão de com o seu martyrio illuminar e immortalizar as paginas da historia da grande Republica Sul Americana.

Debalde a perfidia, o embuste e o sophysma, o boato e a calumnia hão de prostituir a verdade em face do santuario da consciencia e da historia, que é o seu cadinho purificador !

Que hoje faça sensação, e se apavone como novidade a entrada e sahida da jaula de ferro — Aquidaban — esquecendo-se os malsinados que tanto elle entra como pôde sahir, porque as nossas fortalezas como defesa não acompanharam nem traduzem

os modernos melhoramentos, como aconteceu ao *Aquidaban*, como elemento de resistencia naval ! E nem é para admirar, porquanto nunca podia cogitar o Brazil, que teria filhos tão degenerados que, sem motivo justificado e honesto, se atirassem a uma revolta tão abominavel !

Um pensamento unico se impõe hoje á mentalidade de todo o bom cidadão e patriota, matar quanto antes a hydra feroz da revolta, que tudo está atrophando, para que, si possivel for, hoje mesmo retempere a Patria suas forças, e tambem novas adquira para que sejam os nossos dias jubilosos e alegres, como o despontar da aurora da reabilitação moral de uma patria grande, immensa, que se imponha pelo trabalho, pela economia e pelo talento de seus filhos, á consideração e ao respeito do mundo civilisado.

Não ha dous caminhos a seguir, um só ha, acompanhar com fervor patriotico, a quem não conhece as allucinações do poder, e resoluto procura conquistar a grandeza desta Patria e a reabilitação moral do cidadão !

Treguas por agora, não chega o tempo para mais, não seja o presente a continuação do passado tão profligado e anathematizado. Si a revolta e a politicagem alguma coisa nesta quadra podem conseguir, não será por certo a glorificação da liberdade, sómente será o seu completo e inevitavel sacrificio.

Agora o que dita a razão e a dignidade é sómente ser brasileiro como o tem sido o primeiro cidadão desta nação.

XXV

Saudação a Floriano Peixoto

NOVA MARINHA

A marinha da Republica firmou no dia 16 de abril a sua bravura e a sua existencia, supplantou a herança imprestave legada pelo decahido regimen.

A velha desapareceu com as depredações, as abjecções, as indignidades, o acervo de crimes vergonhosos e repellentes á consciencia nacional.

Estes factos não de enlamear as paginas da historia deste povo a quem Deus aquinhoou com todos os esplendores de uma natureza privilegiada, gravando no seu céo o symbolo estrelado de sua regeneração.

A generalidade dos representantes desta triste herança foi, além de um pesado fardo para a Republica, um veneno perigoso, malefico em seus effeitos, mortifero em seus resultados.

A violencia de sua explosão comprimiu todas as liberdades, desmantelou o trabalho nacional, indisciplinou a incauta mocidade, foi o vampiro do erario publico, deixou ruinas, espadannou o sangue dos innocentes, cobriu de viuvez e orphandade a Patria, devorou alguns dos seus mais devotados e bravos defensores, não trepidou em ultrajar, quebrar e reduzir em pedaços nos altares a imagem de Christo pregado sobre o lenho, que elle santificara com o contacto de seu corpo immaculado !

A legada herança, finando-se com a revolta, desafiou a inflexivel justiça de Deus, despertou a maldição e a vindicta dos homens.

Criminosa, decorativa, eis os mais salientes caracteristicos do fatal legado. Criminosa, sentiu-se fraca ante a bravura dos novos espartanos, e espavorida fugiu ; decorativa, ficou abatida e prostrada entoando o seu *penite met !*

A nova surgiu quasi do nada, aviventada pelo grito ingente e patriotico de Jeronymo Gonçalves, o marinheiro reformado, o apodado pelos tartufos agaloados, o calumniado pelos estripadores da moral social, engrinalda os dias festivos da Patria, que são os da Republica, de laureis e de flores, e os proprios anjos acordam para bem dizerem o seu nome.

Jeronymo Gonçalves, o altivo marinheiro já deshabitado a luctar com a immensidade e o poderio dos mares, pressuroso acudiu para com o seu sangue, si preciso fosse, cancellar a tenebrosa historia das desgraças desta Patria, dia por dia sacrificada pelos desnaturados, *contubernados* com o que de mais hediondo e vil foi catado nas sentinas estrangeiras.

A' palavra de Gonçalves erguem-se os bravos, que se transformam em amestrados marinheiros; lá vão todos no caminho do dever.

Esmagados, amesquinhados, indifferentes, aqui ficam os activos almirantes na parola e no secco, empacotando a inventada neutralidade, e engarrafando a droga choca — espirito de classe — para não perder o effeito, e o appetecido grão.

A revolta cannibal, hydrophoba desafivelou a mascara e mostrou a sua hediondez; foi o reagente que valorizou o que havia de precioso no legado e denunciou o pechisbeque.

A marinha nova precisa, pois, encontrar um ambiente saneado, sem embaraços ás suas patrioticas aspirações; foi ella quem abriu a estrada larga do dever civico do marinheiro brasileiro, illuminando-a com os clarões do mais assignalado patriotismo; impoz silencio á revolta dos hediondos, varrendo dos mares as machinas infernaes, que submergiram, acorrentando as que boiavam, e tanto infamaram e sacrificaram a Patria.

Salve, pois, nova marinha da Republica! No hymno da victoria sois a estrophe, que fecha o poema de angustias, de soffrimentos e de martyrios na salvação da lei, da liberdade e da Republica.

Affrontastes a violencia do mais feroz dos elementos naturaes, e surprehendestes o covil dos reprobos bradando sempre — Republica ou morte. Com a força do canhão firmastes a força do direito representado nesta Patria, nesse nome que não morre mais, que está no coração do povo, e vóa além coberto de acclamações, e assim triumphante entra no Pantheon da gloria.

Florianio Peixoto é do patriota a legenda.

Aos meus concidadãos

Fui honrado pelos *Glyzorios*, sendo espoliado do direito, que me cabia por vossa votação.

Mais pela Republica do que pela ambição que nunca tive, deixei meu nome receber as emanações pestilenciaes de dous ambientes, que infeccionam a Republica, e só lhe teem cavado desprestigio.

Fiz, porém, a mim mesmo a injúria de acreditar que a fraude e o desbriamento tinham com as novas instituições sido banidos da politica, e que em vez de só cuidar ella da grandeza e da felicidade da Patria, não remexeria o fosso dos mais sordidos e aliecantinados interesses.

Para conseguir isso seria preciso que não pullulassem vibrões, como o da raspadeira do antigo regimen, conhecido pelo *trinta nomes*, *trinta panellas*, *trinta patifarias*, *Montalvão*, *Gesta tua non laudamus*, etc., etc., que teve brado d'armas na cadeia velha em 1872!

Em 1874, na antiga Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, nas sessões de 29 de outubro e de 9 de novembro, marquei com o fogo da palavra aquelle instrumento da politica imperial.

Medir-me hoje com semelhante gente seria aviltar-me. Nunca fui um apaniguado, nem um sujeito de colleira.

Baixar até onde vivem os que fazem meio de vida rastejando, e para poderem pôr o collarinho engommado, roer as gorgetas do Thesouro, seria pela primeira vez na vida abrir mão dos predicados que me teem valido as provas de consideração e confiança com que tenho sido distinguido por meus concidadãos.

Tenho como certo que, os que me distinguiram com o seu suffragio sabem que, mais vale para mim a dignidade do que um logar de commensal na Republica, a 75\$ diarios.

Peço, pois, a meus concidadãos que me relevem o me haver até agora esquecido da tropilha exploradora, que com affronta falsificou a vontade popular.

Disse com razão o luminar da fé, D. José de Barros, — *tão sacrificado pzlos especuladores politicos — tempus tacendi et tempus loquendi.*

Eu tenho fé e asseguro-vos que tenho resignação para saber esperar.

13 de maio de 1894. — Dr. Costa Ferraz.

XXVI

A marinha e a mensagem

Reanima-se a alma do patriota, lendo e meditando o immorredouro documento historico, que ha de passar á posteridade, como o sublime exemplo da rehabilitação das energias moraes de um povo.

A mensagem de 7 de maio, si registra a mais cruel das desgraças da Patria, tambem se impõe como a primeira pagina do livro em branco da dignidade nacional, escripto com letras de ouro pelo primeiro cidadão da Republica, como a deificação do sentimento patriotico.

Feliz da Republica, porque não está ainda tudo perdido!

No torvelinho das ambições e do egoismo ainda sobrenada immaculado o exemplo da firmeza, da abnegação e do civismo, como a ancora da salvação da estabilidade das instituições e de uma sociedade constituída, que não póle viver á mercê dos audezes e dos ambiciosos.

Está salva a dignidade da Republica, eis o grito que espontaneo rompe dos labios dos que viram consumida a sua tranquillidade e dos seus, a propria existencia torturada por constantes sobresaltos, no longo periodo de seis mezes de afflicções, de soffrimentos e de martyrios, tão barbaramente impostos por uma classe armada e conservada para manter a disciplina, defender e fazer respeitar o pundonor e a honra da Patria.

A marinha que existia naufragou quasi, sinão toda, nos abroghos da indisciplina, chafurdou-se no lodaçal fetido da revolta, finou-se com ella, deixando apenas inseputos alguns cadaveres, que só a caridade manda inscrever seus nomes no registro dos imprestaveis, depois de reconhecidos.

No grande livroda historia sim, é que se ha de ler que, fratricidas uns, roubaram, saquearam, regalaram-se na pratica dos mais nefandos crimes, infamaram um passado inteiro de glorias de sua legendaria corporação, só faltando profanarem os sepul-

chros dos heróes e esbofetearem os seus esqueletos; não recuaram nem diante da impiedade, obrigando o proprio Deus de misericordia a abandonal-os, conservando-lhes apenas a vida, para do remorso da consciencia, si é que os miseraveis teem consciencia, receberem o merecido castigo!

Outros, tão perigosos, sinão criminosos, porque tanto crime commette quem mata e rouba como o que deixa matar e roubar, maxime quando é pago para defender, immobilisados pelo cataleptico espirito de classe, amortalhados com a agaloada neutralidade!

No quartel da saude ou no « restaurant » das licenças, ficaram indifferentes, calmos, como si nada soubessem da desventura da Patria, no fervilhar das indignas traições, na conspiração dos miseraveis, que tramavam de noite, e no clarão do dia faziam a « caradura ».

Jeronymo Gonçalves só, lá do fundo da reforma, robusteceu as forças com o vibrante bater de seu coração de patriota, veio limpar as marés da Patria da salperra revoltosa, e rehabilitou o nome heroico do marinheiro brasileiro.

Como, pois, e com que direito este povo, que nos horrores da desgraça só teve em Floriano Peixoto a força viva, que o amparou, a estrella unica no firmamento, como a esperança da victoria, para restituir-lhe os dias calmos para a actividade e para o trabalho, ha de hoje ser obrigado a cevar aos que fugiram do cumprimento do dever militar, de patriota e até de humanidade, contra o procedimento de homens, que praticaram, por onde passaram, crimes que a historia registra como os mais pungentes da degradação humana!

Seria mais um sacrificio imposto pela revolta, como premio da indecente neutralidade, regada pelo conservador espirito de classe.

Na tristissima conjunctura a que se reduziu a marinha, a dignidade só indica aos que quebraram esquinas para não defenderem a patria em perigo, como unica porta de sahida a demissão por sentença ou reforma.

XXVII

A marinha e a mensagem

Abate-se o espirito e confrange-se o coração quando se reflecte na enormidade dos sacrificios, que a este povo foram impostos pela parte da marinha abertamente revoltosa, e de cuja responsabilidade não se podem eximir os officiaes que ficaram em terra, e que usaram da indecente neutralidade, como salvo-conducto para o recebimento « ad integrum » dos proventos que representam o suor deste povo.

Para honra do Brazil e para gloria da Republica, mesmo assim alguns souberam guardar immaculado o nome legendario da sua patriotica corporação, que as hyenas da revolta infamaram, e os kagados da neutralidade amesquinham.

Da conspiração tenebrosa do celebre Club Naval nasceu a revolta de 6 de setembro, espalhando logo uma virulenta epidemia, alastrando-se por toda a marinha, contaminando os agaloados, infeccionando os inconscientes marinheiros, finalmente victimando a fragil e acariciada esperanza da Patria.

Nos phenomenos premonitores foi a revolta dissimulada, perfida e traiçoeira ; no seu auge deformou tanto o moral de uns que levou-os á pratica dos mais abominaveis crimes, emquanto que, em outros, attenuada na fórma, mas perigosa no fundo, desnaturou nelles o cumprimento do dever do militar que se preza, reduzindo-os a futilidades agaloadas, e condemnando-os como incapazes de continuarem a figurar na arvore genealogica de uma corporação de pundonor e de civismo com que a Republica deve contar nos dias da desventura.

A tranquillidade e a segurança da Republica exigem a sanificação do ambiente em que deve respirar a nova marinha, que firmou a sua existencia offerecendo a sua vida para o seu triumpho e para a salvação de sua estabilidade.

O sangue que jorrou das innocentes victimas e dos patriotas que salpicou as faces hediondas dos cannibae, os esquartejamen-

tos dos que cahiram pelas machadinhas dos amadrinhados á suspirada restauração, as donzellas infamadas pela ferocidade dos bandidos, são clamores que hoje, amanhã e sempre hão de attribular a consciencia desta geração e impôr-se, afim de exigir deste governo, como de qualquer outro, um desaggravo solemne, uma vindicta plena contra os que fugiram do justo desprezo e do castigo que os havia de fulminar.

Foi a fraqueza do contra-almirante itinerante, nos criticos periodos da revolta, que mais reclamavam actividade e acção, quem animou a ferocidade dos amaldiçoados, e abriu inconscientemente a porta falsa, por onde se esgueiraram os dissimulados.

Qual foi a providencia que inspirou confiança e produziu um resultado ?

Que rumo seguiu o almirantado dos chamados lobos do mar ?

Que magico poder teve a prostituida neutralidade para entorpecer o civismo com a zurrapa — espirito de classe ?

Emquanto a marinha da Republica sauda a liberdade com os hymnos da victoria, o resto da velha herança deve ser sepultado no esquecimento, e nas imprecações das victimas que fez, no seu triste papel de reprobada de Deus e indigna da Republica.

Si a velha passa á historia como o espectro da morte, vomitando a fome, a peste e a guerra, deixando o sólo abençoado da Patria na aridez do deserto; escombros aqui, ruinas acolá, a mina de dynamite e o prégão infamante do seu estadio; a nova, como a pomba da Arca Santa, voando na amplidão dos mares, levando o sentimento immenso do coração patriotico de Floriano Peixoto, só vae annunciando e formando no coração do povo a tranquillidade, o socego e a paz !

Emquanto a velha debate-se nos estertores da agonia lenta, a nova affronta a morte para começar a viver.

A Republica foge da velha, o verdugo dos seus primeiros annos; nos transportes do mais justo entusiasmo abraça a nova que lhe abriu o caminho da gloria, salvou-a da deshonra e firmou-lhe a sua independencia.

XXVIII

A marinha precisa ser organizada, eis o grito que sahe da consciencia nacional.

Como força da Republica, deve viver robustecida pelo patriotismo, forte pela disciplina, capaz de sacrificios, quando periguem os seus brios e a sua supremacia.

Marinha de nullidades, só para os dias de banquetes, de apparatusas decorações, de dissimulados que fogem ao cumprimento do dever, para dos bastidores da neutralidade assistirem á execução da Republica, só augmenta os sobresaltos, perturba a tranquillidade, fomenta a anarchia e ludibria a dignidade nacional.

Impassivel e contricta assistiu a totalidade da velha marinha, maxime a que foi bordada pela Republica, o perigar da propria nacionalidade. Traidores e perfidos, uns sumiram-se sendo execrados, outros dissimulados, assim como promptos acudiam ao toque do signal para o succulento rancho, que representa o suor do povo, tambem penduraram as espadas azinhavradas pelo espirito de classe, nos braços da cruz vermelha, idéa mãe da revolta, como refem da sua neutralidade:

O legado do decahido regimen foi por demais perigoso e fatal, sua corrosiva acção ameaçou extinguir a propria Republica.

A velha marinha fraccionada em grupos sedentos de ambições e de vinganças, em pouco mais de quatro annos, tudo revolveu e desmantelou; traiçoeiramente armou-se, para explodir na hora das supremas traições contra a Republica e o seu governo.

Mediu galões, talhou casacas de baile, traçou emblemas, cuidou emfim de futilidades.

Acordou odios, açulou vinganças, indisciplinou tudo, e por fim fechou a pagina negra da sua historia estragando navios, inutilizando arsenaes, desorganizando o trabalho, que é a riqueza do operario.

Transformou marinheiros em esfaimadas hyenas ávidas do sangue de seus irmãos.

Converteu a mocidade em bandidos, ebria de prazer por ver chegado o dia em que fosse esta Patria reduzida a um montão de ruínas.

Que direito tem a velha marinha de ser conservada como uma alavanca da segurança e da estabilidade da Republica, exigindo dos que trabalham a contribuição para ser sustentada ?

Com que direito se ha de sujeitar a nova marinha, que cobriu de glorias esta Patria e salvou com sua bravura a dignidade do marinheiro brasileiro, a soffrer a humilhação de ser dirigida pelos que no somno da mendacidade passaram na cêra os perigosos dias da revolta ?

Quem foi que espancou o egoismo em que se conservava mergulhada esta sociedade ?

Quem foi que nos dias da desgraça illuminou o caminho do dever com os clarões do mais acrysolado patriotismo, para conseguir a salvação da lei, da dignidade e da propria existencia da Republica, sinão Floriano Peixoto, a gloria do presente e a legenda do futuro ?

Que protestos fez a velha marinha contra as violencias e assassinatos diariamente praticados contra uma população inerme, ameaçada de ser bombardeada diariamente, diante de estrangeiros, que brindavam os verdugos da Patria ?

Si os que tinham por dever da propria dignidade arcar com os perigos se persuadem haver cumprido com o seu dever, escondidos como a larva no casulo da neutralidade, esperando a metamorphose para adejarem sobre os despojos da victoria, enganaram-se, porque a historia, como o crysol que purifica a verdade, os ha de apontar como os corvos da Patria.

Como espartano, sim, ha de ser proclamado o grande soldado da Republica, a quem a mulher brasileira, no santuario de seu coração, ergueu um altar para com a prece fervorosa e sincera, que levantou no dia 30 de abril a Deus e á orphandade, victimada pela velha marinha, saudar em Floriano Peixoto a Republica e a caridade.

XXIX

Pesam sobre a velha marinha os crimes mais condemnavéis. Foi hypocrita, traidora e cruel.

Ameaçou e matou muitos de seus semelhantes e seus inermes irmãos, premeditou extinguir a Republica, com a estagnação da actividade do trabalho nacional, com o desprestigio do credito publico, para abrir espaço à rapinagem do estrangeiro especulador e uzurario ; feroz e bravia, corporisou-se com os bandidos e expatriados gringos, capitaneados pelo Satanaz dos pampas, que, tomando a fôrma humana, se appellidou Gumersindo Saraiva.

Destruindo os elementos navaes com tanto sacrificio deste povo pagos a ouro inglez, accumulados para a desaffronta da dignidade e integridade da Patria, sem merito e desbriada prostituiu a verdade, representou o papel de rafeira das ambições, foi emfim o capacho do prostibulo da machinada restauração.

Não ha na historia facto que se assemelhe ou iguale, praticado por uma marinha augmentada e paga com o suor de um povo para garantir a sua liberdade e de seus mares. Trabalhada pela indisciplina e revoltosa, a velha marinha vomitou a morte à bala, a fome com o roubo, a peste com o monturo ! Correu à granada dos hospitaes os doentes, abrigados pela misericordia de Deus, nas grandes obras levantadas pela caridade ; foi mais além, transpoz em audacia aos sceleratos, fazendo voar em estilhaços o santuario do Filho de Deus Sacramentado, que os piedosos e antigos navegantes levantaram sobre a montanha, para indicar-lhes seguro porto de abrigo, contra o feroz bramido dos mares ! Determinou, mas não teve tempo de executar o arrazamento desta cidade ; eis o infernal plano de execução :

« Por falta de occasião opportuna não lhe dei hontem as seguintes noticias, que considero aceitaveis por me terem sido communicadas por pessoa fidedigna :

« Hoje deve ser intimado o Floriano a deixar o poder dentro de quarenta e oito horas.

« O mesmo prazo é dado para ser evacuada a capital.

« A' noite de 14 para 15 rompe o bombardeio á capital até render-se.

« *Aquidabam, Javary, Trajano, Tamandaré e Guanabara* bombardearão a capital e os frigoríficos bombardearão Nitheroy.

« O *Venus* vai sahir com destino á barra do Rio Grande.

« O *Tamandaré* move-se hoje ; o *Javary* só por estes 15 dias.

« A ilha das Cobras tambem toma parte no bombardeio, acompanhada pela canhonheira *Liberdade*.

« Caso a capital não se renda até o dia 17, desembarcarão as forças do Rio Grande, que já estão cruzando fóra da barra nos frigoríficos, e bem assim desembarcarão as forças do mar.

« O bombardeio começará horizontal e pouco a pouco elevado até ao tiro por elevação. Vou hoje a bordo do *Mercurio*.»

Que affronta maior podia soffrer a dignidade desta Nação, e que mais desmoralizador exemplo de cobardia podia dar a restante da velha marinha, que lançou mão dos mais indecentes subterfugios para fugir do perigo e ir se acoutar nos quilombos da neutralidade !

Qual foi o agalooado pela Republica, que espontaneamente no altar da Patria foi denunciar-se, tocado pela graça do mais puro e fervoroso patriotismo e capaz do sacrificio para a defesa da Republica ?

Atrophiados pelo egoismo, impellicados no chamado espirito de classe, declararam-se estropiados, indifferentes, esconderam-se !

Que pretensão podem ter hoje de serem obedecidos por aquelles que protestaram com o sacrificio, para formarem uma nova marinha, cheia de galhardia, de abnegação, e que com inexcédível bravura illuminou a victoria da dignidade da Patria ! A victoria da nova marinha foi a ultima pá de terra que recebeu o cadaver apodrecido da velha marinha.

Não somos nós, quem de coração bradamos que só á pertinacia indomavel, á inexcédível calma e á immaculada e jamais contestada probidade de Floriano Peixoto deve a Patria a transformação dos petrechos armazenados pela hydra da revolta, que deitara a cabeça na velha marinha e se enroscara, no prostittuido encilhamento, para a celebração dos funeraes da Republica, em apothese gloriosa da victoria, para tranquillidade da con-

sciencia dos que viviam attribulados e para a restituição da actividade do trabalho.

Ha de ser, sim, a nova e esperançosa marinha e a briosa phalange de patriotas, que curtindo todas as privações santificou com seu sangue o sólo revolvido da Patria pela mais degradante revolta.

Si Washington fez o orgulho do grande povo rei, Floriano Peixoto faz a gloria de um povo, que no dia 15 de novembro dispensou o rei, para por si começar a reinar.

A velha marinha não é mais do que uma ficção, a nova, além de ser hoje uma realidade, representa uma força da Republica.



Marinha

ELOGIO Á QUEIMA-ROUPA

Si o sub-chefe do Quartel-General da Marinha tivesse se mantido nas alturas em que o collocou *O País* de 2 do corrente, é bem de crer, que o Sr. contra-almirante Coelho Netto não tivesse pedido ao Sr. Firmino Chaves a demissão do elogiado, do cargo que então exercia no quartel-general e no momento calamitoso da revolta.

A' autoridade superior, deante do pomposo elogio, cabe mandar abrir o respectivo inquerito, para que não passe como verdade, ter o carpinteiro da escola da ilha do Governador trabalhado por ordem do revoltoso Saldanha da Gama nos navios de seu socio Custodio de Mello, com sciencia plena do elogiado, e no exercicio de um cargo da mais alta confiança de um governo, que estava sendo victimado pelos revoltosos.

Cumpra, tambem, que se liquide quem contractou uma catraia para conduzir para terra os fardos de algodão, que serviam de trincheira ao *Tamandaré*, bem como outros objectos que sahiram ás escondidas de bordo, estando o navio abandonado pelos revoltosos, e hoje sob o commando do elogiado.

Dada a palavra ao insuspeito contra-almirante Sr. Coelho Netto, justo será que seja proclamada a fidelidade, disciplina e bravura do elogiado, que está disposto a derramar sangue na defesa da Republica.

Por emquanto não se trata de saber quem está disposto a derramar seu sangue na defesa da Patria, mas simplesmente de quem esteve, e derramou seu sangue para que não vingasse a mais indecente revolta; e o elogiado, si está não esteve, porque como militar não appareceu para isso.

XXXI

A marinha e a mensagem

Sejam quaes forem os subterfugios de que lancem mão os kagados da velha marinha, que durante todo o periodo da degradante revolta estiveram mergulhados no charco putrido da neutralidade, não terão o poder de conseguir que a victoriosa Republica de hoje os supporte, e muito menos os considere como capazes para as emergencias de perigo.

Não tiveram nem siquer amor ás gloriosas tradições de sua classe, nem o menor vislumbre de patriotismo; perderam até o sentimento de humanidade; ambiciosos, pretenciosos, de uma fatuidade pedantesca e ignorante, emquanto pôde a velha marinha rastejou como a lêsma para augmentar as propinas com que se alimentava; para depois astuciosa e perfida armazenar, roubando ao trabalho nacional a sua preciosa seiva, os terriveis e infernaes elementos com que devia destruir e matar o seu semelhante e a sua propriedade. Miséraveis e condemnados por Deus os que se revoltaram, atiraram a sua corporação na valla commum depois de terem servido de instrumento do sanguinario e asqueroso gringo Gumercindo Saraiva, alma damnada do truão do sul, outr'ora conhecido pela Exma. Touca; em que paiz do mundo, a não ser neste, se conservaria uma semelhante marinha,

que nada mais representa do que um libambo de alugados, marcados com o ferrete da cobardia e da infidelidade ?

Em qual outro paiz um povo, que tem trabalhado e despendido sommas consideraveis para alimentar uma armada, ante o tristissimo espectáculo, que atroou o mundo, como a revolta de 6 de setembro, ainda consentiria, que o seu exausto thesouro se transformasse em portaria de convento, para distribuir gorduroso caldo, a quem não cumpriu com o seu dever de militar no transe mais perigoso da vida desta Nação, quando tinham pendurado nos ensebados cabides da neutralidade os uniformes, que dão lustre aos defensores briosos da Patria, para enfardarem-se nos costumes dos bilontras e com elles se misturarem, e assim passarem vida folgada e milagrosa ?

Que pôde esperar a victoriosa Republica de hoje dos engrossadores, que passeiam á tripa-fôrra na Europa, e quando chamados pelo governo — dão parte de doentes para esconderem-se enquanto durar o perigo, mas viverem em communicação com os revoltosos ?

Quem da velha marinha não foi para a revolta, que obrigou esta Nação a sacrificios incalculaveis, que hão de desequilibrar os orçamentos e gravar esta e as futuras gerações, com algumas e honrosas excepções, ficou no quente, na maromba até ver em que paravam as modas.

E' esta a verdade nua e crúa, que a historia com toda a imparcialidade ha de consignar. E porque nós os contemporaneos duplamente victimados havemos de recuar em dizer a verdade, quando ainda sentimos o gemido das victimas, as lagrimas da orphandade, e o chão da Patria tinto do sangue dos bravos, que só deixaram á Republica como legado as suas mortalhas com que a liberdade ha de fazer suas bandeiras ?

A nova marinha foi a estrella d'alva que illuminou os dias tenebrosos da Republica, a velha conserva-se, sim, mas assemelha-se á sombra de Banco para inspirar a suspeita, o terror e a crueldade dos sicarios; fria e algida como a morte, não pôde ter a pretensão de querer enroscar-se na arvore, que representa hoje a esperanza, a força e a victoria da Republica, com o premeditado fim de sugar-lhe a seiva de patriotismo, de abnegação e de sacrificio.

A velha marinha não vive mais para fertilizar o sólo sagrado da Patria, vegeta como o cogumelo venenoso, que esterilisa os rebentos viçosos, que devem ser os esteios, que garantem a tranquillidade e a paz da Republica, que só vê em Floriano Peixoto o guia desinteressado, pertinaz e sereno, que lhe garante o presente, e lhe assegura a grandeza no futuro.

A velha marinha que se resigna; mais vale salvar a dignidade do que o passageiro e vil interesse.

Contente-se em ter deshonrado a sua classe, e, como recordação pavorosa, deixado a peste, a ameaça da fome e a guerra, com o contrapeso de *deficit*!

Em contraposição destas desgraças, encheu a — barriga dos estrangeiros inimigos da patria e dos seus filhos espurios!

XXXII

À marinha e a mensagem

Não vemos nos codigos penas, que bastem para a punição dos crimes que foram commettidos, e que estavam planejados e assentados com o fim de estrangular a Republica.

Quando tudo se julgava preparado, foi a velha marinha quem encarregou-se da apparatusa execução. Cavillosa e traiçoeiramente com antecedencia, municiou-se, e congregada combinou o derradeiro golpe.

Para melhor effeito, tomou os ares da malandragem, fingindo-se a victima da espionagem até dos criados de casa; por fim acabou coroando a obra de traição e de perfidia ameaçando na manhã de 6 de setembro esta aberta cidade com um novo S. Barthélémy.

Narcotizados ficaram os que estavam encarregados de velar pela ordem e pela disciplina de uma corporação armada, que se aviltara na mais torpe das conspirações, que, como o cameleão da fabula, se havia metamorphoseado em federalismo, a gazúa do sebastianismo; em cruz vermelha, a rabadilha do mons-

trengo restaurador ; em neutralidade, a perfidia militarizada ; finalmente, em espirito de classe, a pantomima mal ensaiada que poz em prova a cobardia dos impertigados chareletes, e dos cetaceos agaloados, que ficaram como frades de pedra acorrentados pelos interesses.

A velha marinha, accendendo os fogos nos navios roubados, transformou-os em verdadeiras caldeiras do inferno ; animou todas as baixeiras, desnaturou todos os sentimentos, contubernou-se com a escoria dos estrangeiros para saquear a Patria e matar a Republica, o coração da patriótica mocidade, o cerebro altivo dos pensadores, que almejam ver raiar o dia do predomínio da autonomia americana.

A velha marinha, estava escripto, sumiu-se com a maldição do povo, foi figurar de « toma-larguras » nos funeraes do « jaguar dos pampas », aquelle mesmo Gumerindo Saraiva, que o Imperio só decretando um cerco militar podia apanhar para entregar ao povo vizinho, a quem elle depredava, matava e sobresaltava.

Si o nosso principal estabelecimento naval, o Arsenal de Marinha, não estivesse abandonado por combinação, na noite do preparado « Sabbat » pela velha marinha, talvez a cidade do Rio de Janeiro e a sua inerme população não tivessem passado pelos amargurados transeos por que passou durante seis longos mezes, só vendo em toda a parte para defendel-as como que reproduzindo-se, aquelle que, para a Republica, hoje se representa como a incarnação de todos os sacrificios na defesa de sua honra e de sua dignidade, que abriu emfim no coração do patriota os mais profundos sulcos, que exprimem a gratidão, o respeito e a veneração, por uma vida que não tem mancha e não conhece as seducções de um poder, que só tem sabido immortalizar pela firmeza e abnegação.

Quem for capaz que atire a pedra ! Não os carcomidos pelas torpezas, os que escrevem com as mãos tintas com o sangue ainda quente das victimas que esquartejaram, para que se avolume a paga dos que não tinham outro fim sinão encher as suas alforjas com as desgraças da Patria.

Os que fugiram da velha marinha, damnados e prostituidos, asphyxiaram a sua corporação no sangue das innocentes victimas

que fizeram, deixando aos que ficaram o cadaver insepulto para elles fazerem os funeraes !

Pela primeira vez no mundo uma marinha de um povo livre deu um espectáculo tão assombroso de constituir-se o seu tormento !

Em vez de uma força armada de protecção e de amparo, transformou-se pelo crime, em um parasita venenoso, sem patriotismo, sem alma, com o corpo gangrenado.

No momento do perigo e do sacrificio, quebrou esquinas e fugiu ; um punhado apenas de incendiados pelo sacrosanto amor da Patria correu e venceu ; os que se recolhem sorrateiros para a varredura dos despojos disputam a primazia na entrada do celeiro depauperado ; como guardas avançadas hão de encontrar os espectros das victimas para bradar-lhes bem alto, que neutralidade e espirito de classe, deante dos perigos que ameaçaram asoberbar a Patria, nada mais exprime do que cobardia e traição.

XXXIII

Triumphante entrou nesta bahia a nova marinha, a filha querida da Republica, a garantia e a segurança de seus mares, a força e a reivindicação de sua dignidade.

Mais do que às alegrias de um povo, faz-se ella credora da gratidão dos victimados, da contemplação da posteridade.

Dias de amarguras e de tristezas já se foram, hoje só resta o arrolamento do acervo de abjecções e de crimes repellentes, praticados por uma classe armada, que chamou-se a velha marinha, e fingiu servir á Republica para victimal-a.

Deus te salve agora, nova marinha da Republica, santelmo do patriotismo, alvorecer pujante das energias moraes de um povo, por tanto tempo cevado no egoismo, enfraquecido pelas alicantinas, o juguete dos politiqueiros sem merito e sem civismo ! Deus te salve, reluzente estrella, que alagas com teus esplendores a estrada da grandeza futura desta Republica, que a imprestavel, inutil, perigosa e velha marinha havia combinado atar ao poste da ignominia, caso fosse vencedora !

Vencida, porém, hoje, e humilhada, contenta-se agora, depois da victoria, em representar o tristissimo papel de espectadora paga, e assim continuar a viver !

Só Jeronymo Gonçalves, o reformado, como confessou o contra-almirante Firmino Chaves, ex-ministro da marinha, teve coração e patriotismo, e, como um colosso de civismo, reduziu a indecentes pygmeus a penca dos almirantes da neutralidade, e em « marca barbante » o fabricado espirito de classe.

Foi Jeronymo Gonçalves, sim, o unico que salvou o passado da velha marinha, tão cheio de tradições gloriosas, ligando-a ao presente da nova, cheio de penosos sacrificios, mas como uma lição sublime, onde os governos que se succederem poderão aprender como se defende a Republica e a sua dignidade.

Que pretende hoje, depois da victoria, a velha marinha com treze almirantes na folha da actividade e um contra-peso de officiaes de patente superior ?

Que pôde esperar dessa gente a Republica victoriosa de hoje ?

Noves fôra nada, ficou exuberantemente provado com a degradante revolta de 6 de setembro.

Na ultima phase da vida representou a velha marinha o drama e a comedia.

No drama, foi sanguinaria, salteadora, crapulosa e desbriada, acabou no torpissimo papel de messalina do maior dos miseraveis — Gumerindo Saraiva, de quem se fez eunucho esse cão Piragibe, cujo unico merito consiste em saber metter os dedos nas aberturas nasas das victimas para, suspendendo-lhes as cabeças, distender-lhes o pescoço e com presteza degolar-as.

Na comedia, ficaram os neutros sugando todos os mezes os cobres do Thesouro, que é o suor do povo, supplicando novos empregos para si e para os seus.

Um punhado somente de vinte, si tanto, quebraram o concertado ritual, fugindo espavorido dos antros da conspiração, onde se havia decretado o cruento sacrificio dos irmãos, a banca-rotta e o leilão da Patria, os funeraes da liberdade, a morte da Republica, a resurreição da jogatina, e, finalmente, a publica adoração do manipanço coroado.

De joelhos, pois, velha marinha ; á sombra da revolta condemnada, mas fóra dos umbraes do templo que guarda o coração da Patria, de onde jorraram ondas de patriotismo, de abnegação e de coragem, que afogaram para sempre os ambiciosos truões agaloados, que planejaram dominar e sacrificar a Republica.

De joelhos, ante a apothese sublime do dever civico, da imperterrita calma, da altiva vontade do grande brasileiro Floriano Peixoto, que jogou a vida e com desprezo encarou a morte, para defender e glorificar a Republica !

A entrada triumphante da nova marinha no dia 23 de junho de 1894 foi o termo da morte da velha, só lhe falta a apropriada mortalha — a demissão por sentença, ou a reforma.

A nova, começou a viver coberta de glorias ; a velha ficou moribunda e morreu, porque não soube viver.

A ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DOS ORPHÃOS POBRES FILHOS DOS DEFENSORES DA PATRIA

À NOVA MARINHA

Aqui estamos, illustres Senhoras, que estais ensinando a pratica da caridade, que immortalisa a dignidade de um povo, que exprime o mais puro affecto do coração humano, e por si só é capaz de completar e aperfeiçoar ao ser humano contingente e imperfeito!

Assim o ordenastes ao mais obscuro dos serventuarios da grande e redemptora cruzada em que estaes empenhadas, para compensar os dias de angustias e terrores, que tanto enlutaram a Republica.

Aqui estamos, com a dedicação que sóe inspirar o patriotismo, para comvosco entoar fervorosa prece a Deus, como a prova de vossa admiração á phalange de brasileiros, que por entre os sinistros clarões da morte, que como infernaes labaredas ameaçaram devorar a Republica, soube impôr silencio á negregada revolta, que apavorou por tantos mezes a consciencia e denunciou a falta de patriotismo, que desnaturara uma parte de seus filhos. Bemvidos sejaes, corajosos navegantes, filhos queridos hoje da Patria, transformastes uma phase de guerra e de martyrios por uma outra de tranquillidade e de paz. Guiou os vossos passos a luz serena que illumina a consciencia do dever civico do brasileiro, que ama o progresso e a dignidade da patria, que se nos afigura solapada pelos ambiciosos e martyrisada pelos especuladores politicos.

Fostes vencedores, eis o grito que hoje resôa nessa abobada estrellada que fecha de norte a sul o horizonte da patria.

A vossa victoria foi o golpe que feriu certo a tyrannia dos amaldiçoados, foi a glorificação da vossa legendaria corporação, que jazia enervada, entorpecida e transformada no mais mortifero dos venenos — a conspiração.

Nascestes de improviso, marinha da Republica, e, como a ave despendida da Arca Santa, voastes na vastidão dos mares, aligera como a garça, e, voltastes ao coração da Patria, para no seu sanctuario depositar os trophéos da mais assignalada victoria, que se traduz no socego do lar, na confiança do presente e na esperança do futuro.

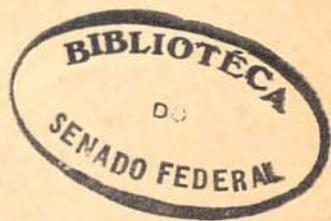
Sois a gloria da Republica, e confirmastes com inexcedivel bravura as esperanças que animavam o coração daquelle, que te fez, como que sahir do nada.

Guie Deus os vossos passos futuros, como aureolou a vossa recente victoria.

A Republica descança em vossa força, em vossa abnegação e no vosso provado patriotismo.

Salve, pois, Marinha da Republica !





(2)

02/04-057

ST/0336